

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE TURISMO

CAMILA COUTO DE MATOS

**EDUCAÇÃO EM TURISMO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS: ESTUDO DE CASO NA
COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO DO TUMBIRA,
BAIXO RIO NEGRO, AM**

MANAUS - AM

2019

CAMILA COUTO DE MATOS

**EDUCAÇÃO EM TURISMO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS: ESTUDO DE CASO NA
COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO DO TUMBIRA,
BAIXO RIO NEGRO, AM**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Turismo da
Universidade do Estado do Amazonas,
como requisito parcial para a obtenção do
título em Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^a Dr. Edilza Laray de Jesus

MANAUS - AM

2019

CAMILA COUTO DE MATOS

**EDUCAÇÃO EM TURISMO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS: ESTUDO DE CASO NA
COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO DO TUMBIRA,
BAIXO RIO NEGRO, AM**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Aprovado em 25 / 06 / 2019

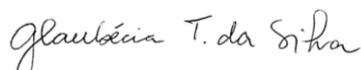
Nota Final = _____

BANCA EXAMINADORA



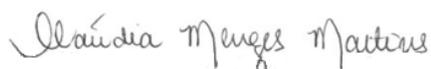
Profª: Edilza Laray de Jesus, Dr

(Orientadora - Universidade do Estado do Amazonas / UEA)



Profª: Glaubécia Teixeira da Silva, Dr

(Examinadora - Universidade do Estado do Amazonas / UEA)



Profª. Cláudia Araújo de Menezes Gonçalves Martins, Ma

(Examinadora - Universidade do Estado do Amazonas / UEA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela minha família e por tudo o que Ele colocou na minha história e contribuiu para eu ser a pessoa que sou hoje. Também agradeço Nossa Senhora Auxiliadora a quem recorri tantas vezes durante minha vida de estudante e que tive como exemplo de mulher de bons atos durante a vida.

À minha família que sempre me deu todas as oportunidades necessárias para que eu tivesse uma boa educação e fosse uma boa profissional e boa pessoa para o mundo, que sempre me incentivou a ser uma melhor versão de mim mesma todos os dias em tudo o que eu faço. Vocês são tudo para mim.

Ao meu namorado que fez dessa pesquisa também sua, me ajudando a organizar os meus pensamentos, a delimitar todas as propostas que gostaria de fazer, me estimulando a concluir a pesquisa, o curso de Turismo enquanto ao mesmo tempo cuidávamos da UIKA, empreendimento turístico que abri ainda acadêmica na universidade.

À minha orientadora, Dr^a Edilza Laray, que acreditou na minha capacidade e experiências e me convidou a realizar minha primeira pesquisa científica, acolhendo o estudo de caso na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tumbira, que tanto queria abordar. Que me ensinou como tornar uma ideia um projeto, um projeto em uma proposta e agora permanece como minha orientadora durante meu trabalho de conclusão de curso, me estimulando a buscar novos desafios e sempre discutir sobre novas temáticas no Turismo. Só posso desejar que nossa amizade e nossas contribuições acadêmicas possam sempre continuar.

Aos meus professores na Universidade do Estado do Amazonas que com respeito e muita seriedade compartilharam e colaboraram para minha formação acadêmica e crescimento como pessoa e profissional.

Por fim, agradeço à comunidade do Tumbira por ser minha segunda casa, pelos comunitários de Tumbira que tanto me ensinam sobre a vida, sobre a Amazônia e que permitiram com que eu encontrasse uma área no turismo pela qual eu realmente amasse trabalhar e falar, como é o Turismo de Base Comunitária. Também por me receberem como amiga e permitirem minhas contribuições como turismóloga para o desenvolvimento local da comunidade.

RESUMO

O objetivo deste estudo é estudar como a Educação em Turismo na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy, na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tumbira, é trabalhada e qual a sua contribuição para a educação e cidadania dos discentes. A comunidade está localizada no Iranduba, um município do interior do Amazonas, nos limites de Unidades de Conservação inseridas no Mosaico de Áreas Protegidas do Baixo Rio Negro. Recorreu-se a obra Educando os Educadores em Turismo: Manual de Educação em Turismo e Hospitalidade proposto por Chris Cooper e a Organização Mundial do Turismo, em uma pesquisa de caráter qualitativo, integrando a entrevista, a observação. O contexto sócio-econômico de Tumbira em uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável na Amazônia e os trabalhos de instituições do terceiro setor ao longo dos anos, influenciaram a comunidade a trabalhar o turismo de base comunitária como fonte alternativa de renda e por conta disso foram trabalhados diversos projetos e iniciativas no contexto da educação formal e não formal, com o intuito de preparar jovens comunitários para a nova realidade de unidade de conservação, tão quanto como mão de obra para a atividade turística. O estudo indica que os projetos e iniciativas contribuem fortemente para a formação dos jovens, mas que muito ainda pode ser feito para melhorar a proposta da educação em turismo.

Palavras-chave: Educação – Turismo – Cidadania – Educação em Turismo.

ABSTRACT

The objective is to study how the Tourism Education at the Thomas Eugene LoveJoy State School in the community of Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tumbira is worked and what is its contribution to the education and citizenship of the students. The community is located in Iranduba, a municipality in the interior of the Amazon, within the limits of Conservation Units inserted in the Mosaic of Protected Areas of the Lower Rio Negro. We used the work Educating Educators in Tourism: Manual of Education in Tourism and Hospitality proposed by Chris Cooper and the World Tourism Organization, in a research of qualitative character, integrating the interview and the observation. The socioeconomic context of Tumbira in a Reserve for Sustainable Development in the Amazon and the work of third sector institutions over the years influenced the community to work community-based tourism as an alternative source of income and because of this projects and initiatives in the context of formal and non-formal education, in order to prepare young community members for the new reality of conservation unit, as well as labor for tourism. The study indicates that the projects and initiatives contribute strongly to the training of young people, but much more can be done to improve the proposal of tourism education.

Key words: Education – Tourism – Citizenship – Education in Tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista Aérea da Comunidade Tumbira	16
Figura 2: Modelo de produção do conhecimento em turismo de Jafari	30
Figura 3: Sala de aula da Escola Estadual Thomas Eugene Lovejoy	36
Figura 4: Auditório da Escola Estadual Thomas Eugene Lovejoy	36
Figura 5: Núcleo Agnello Uchôa Bittencourt	37
Figura 6: Ensino por mediação tecnológica	38
Figura 7: Alunos da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy durante projeto Recicle Suas Ideias	46
Figura 8: ColetivAção no Tumbira	48
Figura 9: ColetivAção com crianças	48
Figura 10: Cine ColetivAção	48
Figura 11: Imagem de História das comunidades: fundador de Tumbira à esquerda ..	49
Figura 12: Discentes durante atividade em campo	50
Figura 13: – Imagem extraída da pesquisa sobre quelônios da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy	51
Figura 14: Localização do Plano de Ação “Jovens Protagonistas na RDS Rio Negro”	52
Figura 15: 9º Encontro do Projeto Jovens Protagonistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Rio Negro em 2016	52
Figura 16: 9º Encontro do Projeto Jovens Protagonistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Rio Negro em 2016	53
Figura 17: – Projeto de Incentivo e leitura da Fundação Amazonas Sustentável em 2017	57
Figura 18: Projeto de Incentivo e leitura da Fundação Amazonas Sustentável em 2018	57
Figura 19: Visitas técnicas do projeto repórteres da floresta em Manaus em 2017	58
Figura 20: – Intercâmbio de Saberes 2017 em visita ao Impact Hub Manaus	59
Figura 21: Jovens de Tumbeira interagindo com intercambistas em atividades durante o Amazon Summer School em 2016	60
Figura 22: – Jovens do projeto pró – espécies em 2016	63
Figura 23: Oficina de turismo envolvendo jovens que tinham começado a trabalhar em empreendimentos turísticos na RDS Rio Negro e 2017	64
Figura 24: Abordagens de Educação em Turismo	67
Figura 25: Diagrama de Venn a respeito da relação Educação e Turismo na Escola Thomas Eugene LoveJoy	68
Figura 26: Diagrama de áreas em relação com o turismo	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplos de atividades que podem ser realizadas no âmbito do Turismo cultural	32
Quadro 2: Apresentação dos Componentes Curriculares organizados em quatro áreas do conhecimento	40
Quadro 3: Matriz curricular do Ensino Médio Presencial com mediação tecnológica (2014).....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	12
1.1. Aspectos socioeconômicos de Tumbira	14
1.2. Infraestrutura e serviços básicos de Tumbira	15
1.3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	18
2. RESULTADOS	26
2.1. Contexto histórico da educação e o turismo:	26
2.2. Educação formal e não formal.....	27
2.3. Produção de conhecimento em Turismo na universidade.....	29
2.4. Segmentações turísticas relacionadas a educação.....	30
2.4.1. Turismo Cultural	31
2.4.2. Turismo Pedagógico.....	33
2.4.3. Turismo Educacional	34
2.4.4. Turismo Científico.....	34
2.4.5. Turismo de Estudos ou Intercâmbio	34
3. CAMPO	35
3.1. Histórico do Turismo em Tumbira	35
Núcleo de Conservação e Sustentabilidade de Tumbira.....	36
Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy	37
Pedagogia da Alternância.....	39
Matriz Curricular da Escola.....	40
Programa de Educação e Saúde da FAS	42
3.2. Projetos e iniciativas de Educação em Turismo realizados na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy e suas contribuições para a educação e cidadania dos discentes	44
3.3. Propor uma cartilha sobre a Educação em Turismo para a Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	74
APÊNDICE A – CARTILHA SOBRE A EDUCAÇÃO EM TURISMO PARA A ESCOLA ESTADUAL THOMAS EUGENE LOVEJOY	75
APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES DE PROJETOS E INICIATIVAS DA ESCOLA THOMAS EUGENE LOVEJOY (DISCENTES/DOCENTES)	98

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa resulta de um trabalho realizado inicialmente como uma iniciação científica, na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tumbira, mais conhecida apenas pelo nome de Tumbira – nome que as pesquisadoras também vão adotar ao longo deste trabalho -, se encontra na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro (RDS Rio Negro), no Amazonas. A RDS Rio Negro faz parte do mosaico de áreas protegidas do baixo Rio Negro, onde a situação da educação de várias comunidades e escolas apresentam semelhanças como a de Tumbira. A escola, foi escolhida por ofertar múltiplas iniciativas e projetos pensados para a realidade dos seus discentes, como uma forma de acessibilizar e atender a demanda por uma educação de qualidade social para jovens ribeirinhos, moradores de uma unidade de conservação.

A Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy revelou-se um objeto privilegiado de pesquisa, uma vez que a filosofia da mesma busca seguir o que prescreve a Pedagogia da Alternância, ainda que conte com um importante aparato na gestão, em investimentos, em capacitações para o corpo docente, oportunidades para os discentes, entre outros - que serão descritos nessa pesquisa - por parte do governo do estado do Amazonas e de instituições não governamentais do terceiro setor.

Uma vez que a realidade sobre a educação básica no interior do estado do Amazonas apresenta baixos índices de alfabetizados e concluintes do Ensino Médio, pela falta de oferta, faltas de escolas (especialmente em comunidades ribeirinhas), ausência de corpo docente qualificado, de insumos alimentícios, a particularidade do regime de cheia e vazante, dentre outras razões. Nos apoiamos em Nascimento (2017), quando esclarece:

É característico da região escolas instaladas distantes das residências dos alunos, no caso 76 dos ribeirinhos o meio de transporte é fluvial e muitos se utilizam de rabeta, canoa ou casco para se deslocarem até a escola. A maioria dos estudantes precisa remar grandes extensões, e no percurso diário enfrentam o sol, a chuva, os riscos dos rios e igarapés, a luz do dia ou a escuridão da noite, utilizam lanternas quando se tem a condição de mantê-las abastecidas ou sem este aparelho. Esta situação não é específica dos alunos, mas também de profissionais da educação que residem em localidades externas à área da unidade escolar. (NASCIMENTO, 2017, p.76).

O principal fator que levou à análise da Escola foi o envolvimento da acadêmica com a comunidade do Tumbira em projetos que tentam contornar esses problemas, a pesquisadora estuda como o turismo e a educação tem se conectado e podem contribuir para a formação de jovens que estudam e moram na comunidade do Tumbira, tendo em vista que o turismo se tornou uma das soluções econômicas para a comunidade, assim que ela passou a integrar uma RDS.

Tumbira é uma comunidade que se destaca na atividade do Turismo, principalmente nas segmentações do ecoturismo, turismo pedagógico e turismo científico. O início dessa atividade na região ocorre em um momento posterior a criação da RDS, justamente pelas mudanças impostas na região.

A importância dessa pesquisa para a sociedade se dá devido a possibilidade de se observar e reuplicar em outras comunidades ribeirinhas, inclusive aquelas que são destinos turísticos na Amazônia, práticas pedagógicas utilizadas pelo corpo docente da escola, *lócus* da pesquisa, ou ainda por instituições que desenvolvem projetos na comunidade do Tumbira e envolvem esses mesmos jovens.

A intenção aqui é evidenciar atividades e projetos da Escola Thomas Eugene LoveJoy, cujo ensino segue orientações da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC) para o desenvolvimento do ensino médio; com o Sistema de Indicadores Socioambientais para Unidades de Conservação (SISUC), que é uma ferramenta pública e livre para utilização por organizações dos diferentes setores da sociedade, cujos principais objetivos são: apoiar o trabalho de conselhos gestores, fortalecer a gestão participativa, e ampliar o controle social nas Unidades de Conservação da Amazônia brasileira e da parceria desta com a Fundação Amazonas Sustentável (FAS), responsável por uma política pública ambiental nessa região que estimula a geração de rendas alternativas e sustentáveis para que os ribeirinhos mantenham a floresta em pé.

Esse conjunto de atores sociais, relacionam o currículo do Ensino Médio com os saberes e fazeres locais e como decorrência tem- se a experiência de vida dos docentes e discentes, o respeito mútuo entre as culturas, o desenvolvimento pessoal e coletivo e também sobre valorização das produções culturais e artesanais, por exemplo. A concepção da educação, considerada de

modo ampliado e não circunscrita apenas a sala de aula, é formar jovens mais conscientes sobre sua cidadania e melhor preparados para cuidar de uma comunidade que se encontra em uma área protegida e trabalha com o turismo como fonte de alternativa de renda.

O Turismo, como campo interdisciplinar de conhecimentos articula várias áreas de formação e não pode estar confinado apenas à importância econômica que ele produz socialmente. Face ao escrito acima e considerando sua relevância sociocultural, elaborou-se o seguinte objetivo geral: Estudar como a Educação em Turismo na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy é trabalhada e qual a sua contribuição para a formação dos discentes.

E é dentro desse contexto que a pesquisadora ao se envolver com projetos com comunidades ribeirinhas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro - aonde o foco das discussões era pautado em Educação e práticas de Turismo realizadas por estas comunidades - que surgiu uma série de questionamentos a respeito dos projetos e atividades realizados nas escolas ribeirinhas, com o intuito de promover o protagonismo social entre jovens e crianças moradoras dessas comunidades.

A partir do objetivo geral foram delineados os seguintes objetivos específicos: Levantar e discutir referencial teórico sobre Educação em Turismo como ferramenta para a facilitação de aprendizado e cidadania; Compreender a comunidade do Tumbira no contexto da RDS Rio Negro e as dinâmicas socioculturais e econômicas que contribuem para o desenvolvimento da atividade turística; Investigar projetos e atividades de Educação em Turismo realizados na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy e suas contribuições para a educação e cidadania dos discentes; Propor uma cartilha sobre a Educação em Turismo para a escola em questão.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tumbira, fica a 64 km de Manaus e está localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS Rio Negro, criada em 2008), e integra o mosaico de Unidades de Conservação do baixo Rio Negro. Uma RDS é uma

modalidade de Unidade de Conservação de uso sustentável que abriga populações tradicionais e a sua existência se justifica pela “existência de sistemas sustentáveis de utilização dos recursos naturais desenvolvido ao longo de gerações e adaptados ecológicas locais e específicas, de forma a exercer o papel de conservação da natureza e manutenção da diversidade biológica. (AMAZONAS, 2017, apud SEMA/IDESAM/FAS. p. 23)

Figura 1: Mapa de localização da comunidade do Tumbira e da RDS Rio Negro



Fonte: Acervo ARPA, 2017.

Tumbira é uma das 19 comunidades a integrar o Corredor Ecológico Central e o Mosaico de Áreas Protegidas do Baixo Rio Negro. Pela proximidade de Manaus, muitas influências urbanas são percebidas na comunidade, uma delas é a atividade turística, praticada há oito anos.

O processo de ocupação da região do Rio Negro, onde se encontra o *lôcus* da pesquisa, ocorreu entre os anos 1980 e 1990 e Tumbira provavelmente foi uma das primeiras comunidades. Sua fundação data do ano de 1986 e a origem de sua população decorre de um processo migratório da família Garrido e de outras que trabalharam por muitos anos na construção naval, segundo um

livro não publicado da professora Vera Garrido e algumas pesquisas realizadas por alunos do Ensino Médio da Escola Thomas Eugene LoveJoy.

Antecedentes históricos contam que

no momento da chegada dos colonizadores europeus, o Baixo Rio Negro era habitado principalmente pelos povos Tarumã, Manas e Barés. Esses indígenas passaram por processos históricos de transformação cultural e perda populacional, chegando até à extinção absoluta de alguns deles, em decorrência da instalação de empreendimentos mercantis e religiosos, guerras e epidemias. Atualmente, os Barés localizam-se do Baixo ao Alto Rio Negro, enquanto que os Manaós e Tarumã foram praticamente extintos. (IPÊ, 2010, p.147).

Os reassentamentos atuais do restante da área que hoje faz parte da RDS Rio Negro ocorreram nos últimos 60 anos. Muitas dessas famílias vieram do Nordeste, mas a maioria migrou de outras regiões da Amazônia e algumas do próprio Rio Negro. Os incentivos para as migrações foram a produção extrativista, durante os séculos XIX e XX e a demanda por serviços públicos como educação e saúde (LEONARDI 1999, PERES et al. 2003, p.56).

O papel de subordinação em que se encontram os atuais moradores do Baixo Rio Negro está relacionado à construção histórica de uma economia e política voltadas para a máxima exploração de mão de obra local e dos produtos da floresta. [...]. Além disso, a proximidade com o centro urbano faz com que a região tenha características rurais com forte influência urbana. Entretanto, as 19 comunidades do Rio Negro são intituladas como comunidades rurais habitadas por populações tradicionais. (Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro, 2016).

1.1. Aspectos socioeconômicos de Tumbira

Quanto aos aspectos socioeconômicos de Tumbira relacionados a demografia pode-se afirmar que atualmente moram cerca de 122 habitantes distribuídos entre 32 famílias. Essas famílias geralmente estão envolvidas em mais de uma atividade econômica para que seja possível complementar a renda familiar. Tais atividades acontecem de maneira sazonal na produção agrícola, da farinha e na coleta do pescado. Também são fontes alternativas de renda o turismo, a produção de artesanato e o manejo florestal.

A população ainda conta com benefícios sociais advindos do Programa Bolsa Floresta, uma política pública estadual que realiza pagamento por serviços ambientais aos moradores de 16 Unidades de Conservação no Amazonas tendo

em vista o compromisso de desmatamento zero acordado entre a Fundação Amazonas Sustentável e os moradores das Unidades de Conservação do Estado do Amazonas (FAS, 2007). As famílias da RDS ainda contam com benefícios sociais do Governo Federal como o Bolsa Família, o Seguro Defeso e a aposentadoria.

1.2. Infraestrutura e serviços básicos de Tumbira

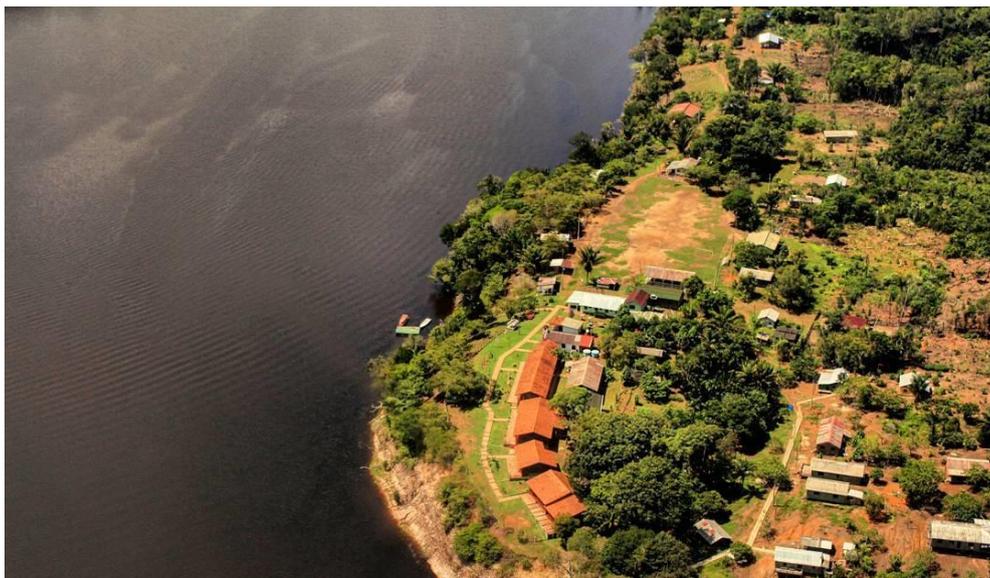
Segundo o levantamento socioeconômico realizado durante a produção do Plano de Gestão da RDS Rio Negro, foi registrado que a comunidade de Tumbira

possui uma igreja católica, um centro comunitário, um campo de futebol, uma escola municipal com nível de ensino da educação infantil ao ensino fundamental I, uma escola estadual com nível de ensino da educação do ensino fundamental II, ensino médio e educação para jovens e adultos supletivo, uma pousada que também possui um restaurante, um posto de saúde, uma casa de farinha, duas marcenarias, 45 casas de madeira e/ou alvenaria, uma casa de artesanato, um ancoradouro, duas mercearias, um banco expresso e uma horta e um viveiro pertencente a escola estadual.

Tumbira também conta com serviços de energia elétrica e energia solar em algumas casas e estabelecimentos, também com a internet como principal meio de comunicação – sendo esta parte da infraestrutura da Escola Estadual -, conta ainda com o abastecimento de água de poço artesiano e fossa séptica para parte da infraestrutura da comunidade.

Ainda sobre os aspectos relacionados a saúde e educação, há um agente de saúde que mora na comunidade e realiza atendimentos e é responsável por distribuir cloro nas casas da comunidade para melhorar a potabilidade da água. Já o serviço de coleta de resíduos é quase inexistente, tendo em vista que o destino final não é realizado em Tumbira, mas sim em Manaus por parte do governo do estado do Amazonas. Ainda sim, existe a iniciativa de alguns moradores realizaram a coleta seletiva e em alguns casos até a reciclagem do lixo.

Figura 1: Vista Aérea da Comunidade Tumbira



Fonte: Acervo FAS, 2018.

Antes da região da RDS Rio Negro se tornar área protegida muitas das atividades econômicas realizadas eram desordenadas, ilegais e não buscavam respeitar os limites da natureza para que seja possível conservar. Eram realizadas atividades como a pesca desordenada e extração de madeira ilegal, entre outras.

O recorte da pesquisa se dá na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy, cujo o nome homenageia um ambientalista e biólogo norte-americano especializado em conservação, ecologia e biologia tropical. É pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, (INPA) e o principal responsável por um projeto de grande escala que investiga o funcionamento de fragmentos florestais e os efeitos do desmatamento sobre a ecologia regional. É considerado um dos principais líderes do movimento ambientalista. A escola da comunidade está localizada na zona rural do município de Iranduba e pertence ao território de Tumbira, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro, como já citado no capítulo 1.

Por tal razão, a importância dessa pesquisa está na possibilidade de sistematizar informações importantes acerca da educação em turismo para os jovens comunitários que contribuem efetivamente para o protagonismo de seus moradores. De igual modo, aspectos significativos da educação em turismo e

seus desdobramentos na prática podem servir de orientações para outras comunidades ribeirinhas que são destinos turísticos na Amazônia.

Trata-se de pesquisa qualitativa (DENKER, 1998) porque permite conhecer a realidade e expressá-la de modo analítico nas turmas de Ensino Médio da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy.

No intuito de qualificar o atendimento aos visitantes, várias instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), classificado como:

[...] entidade privada brasileira de serviço social, sem fins lucrativos, criada em 1972, que objetiva a capacitação e a promoção do desenvolvimento econômico e competitividade de micro e pequenas empresas, estimulando o empreendedorismo no país. (Portal Sebrae, 2019, p. 1).

a Empresa Estadual do Turismo do Amazonas (Amazonastur) responsável por:

[...] atua, em nome do Governo do Estado, para promover o desenvolvimento turístico e fazer do Amazonas um destino diferenciado, competitivo e sustentável, priorizando roteiros que valorizem as belezas naturais da região. (Site Amazonastur, 2019, p.1).

e a FAS, já citada anteriormente, ofereceram cursos de formação em gestão e prestação de serviços no turismo para jovens e adultos na faixa etária entre 18 e 40 anos de idade, por meio da educação não formal.

Os jovens que participam desses cursos são filhos dos empresários do turismo na comunidade alunos da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy. Aprendem, portanto por meio da educação não formal e da educação formal.

Como acadêmica de turismo e formadora de gestão e prestação de serviços no turismo na comunidade supracitada, importou conhecer se a Escola Básica incorpora ou não a dinâmica comunitária, se esta articula os conhecimentos científicos ao mundo vivido; se forma para o exercício consciente e transformador da realidade.

A amostra é não probabilística intencional (BARROS 2000, p. 41), compostas muitas vezes de forma acidental ou intencionalmente. Os elementos não são selecionados aleatoriamente. Com uso dessa tipologia, não é possível generalizar os resultados das pesquisas realizadas, em termos de população.

Os dados foram coletados por meio de formulários para os professores e estudantes. Com os professores também foram feitas entrevistas semiestruturadas.

Como amostra, foram aplicados 50% dos discentes do ensino médio e a totalidade dos professores das turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. A análise dos dados foi de caráter qualitativo, porque busca analisar as formas de ensino aprendizagem usadas nas escolas. Como procedimentos técnicos foram bibliográficos.

Para CHIZZOTTIL (1995, p. 44): a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Trata-se de um estudo de caso, porque tomou-se como unidade de análise uma escola pública que trabalha com nível médio, utilizando aproximadamente 32 estudantes e 3 professores. O método indutivo foi o que melhor respondeu às questões da pesquisa, para que se pudesse utilizar, em momento posterior a perspectiva da comparação e o da generalização dos resultados, a partir deste trabalho.

1.3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A princípio é importante saber a definição das seguintes palavras-chave: comunidade, educação em áreas protegidas, educação em turismo e ribeirinhos, a fim de que se possa entender melhor a discussão que a pesquisadora pretende tecer a respeito da Educação em Turismo em escolas ribeirinhas, um estudo de caso na comunidade do Tumbira, no Baixo Rio Negro.

De acordo com a obra de Töönies, Schmitz (1995, p.177) entende que a comunidade ou a *Gemeinschaft* estaria relacionada a: “[...] laços de sangue e de parentesco, sobre associações com a terra e laços de lugar, de amizade, de sentimentos partilhados e crenças comuns”. Para Töönies, Schmitz (1995, p.177), o primeiro modelo ou exemplo da comunidade seria “[...] a família, da qual surgiram formas comunais de associação que se estenderam, como a aldeia, a vizinhança, a fazenda familiar, o tipo antigo de paróquia e a guilda mais ou menos hereditária”. Com base nesse pensamento, pode-se considerar que a

comunidade representaria proximidade, unidade, intimidade, evocando mais uma vez algo bom.

Chaves (2001, p.78) esclarece que “[...] a comunidade é composta por um conjunto de relações/intercâmbios de produção e político-organizativos dos homens entre si e com a natureza”. Souza (1991) revela que não se pode deixar de considerar que os grupos que formaram comunidades são permeados por formas de ideologia e iniciativas que, muitas vezes, reproduzem desigualdades sociais, bem como estão expostos a novas situações de identidade advindas da dialética do cotidiano, gerando diferentes histórias de vida.

Uma discussão contemporânea sobre comunidade parte de Bauman (2003). Para ele Tönnies sugere que a distinção entre comunidade e sociedade vem de um entendimento compartilhado pelos seus membros, mas sem consenso, uma vez que “[...] o tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos” (p.15). Mas, seguramente, o que Bauman enfatiza é a desconstrução da ideia romantizada de comunidade em que os conceitos remetem à inocência desinteressada, ou à mesmidade para usar um termo criado por ele, isto é, a união no entendimento comunitário, a homogeneidade. No dizer de Bauman (2003, p. 18), “[...] a mesmidade se evapora quando a comunicação entre os de dentro e o mundo exterior se intensifica e passa a ter mais peso que as trocas mútuas internas”.

Somente entre os séculos XIX e XX que o rural “[...] passou a ser elemento de identidade para algumas concepções de comunidade.” (SOUZA, 1991, p.60). Nas acepções de Souza (1991) a economia rural se mantinha distante do universo das cidades antigas e medievais com a florescimento das metrópoles, a concepção de cidade foi superada. Essa mudança possibilitou que o rural fosse tomado como referência identitária de relações interpessoais, segurança e aconchego para algumas concepções de comunidade que tomavam por base a possibilidade das relações homem-natureza mais próximas e em espaço físico limitado. Sobretudo a partir da revolução urbano-industrial, quando houve uma desintegração nas relações sociais tradicionais dos aglomerados das áreas urbanas, a desestruturação da família e da comunidade em suas funções de controle e segurança social, o fenômeno comunidade ressurgiu com mais força (SOUZA, 1991, p. 31). A ausência de um entendimento mútuo, de um lugar onde

se possa encontrar abrigo ou no dizer de Bauman (2003) um lugar cálido, sugere a necessidade de se reestruturar e reconstruir os laços da comunidade.

[...] A nomenclatura comunidade extrapola o sentido de um mero espaço local. A rede simbólica em torno da comunidade abarca uma teia de configurações, de ideais, de utopias e de formas de relações, como alto grau de intimidade pessoal, compromisso ético, coesão social, continuidade espacial e temporal, sentimentos de pertencimento, motivações e desejos comuns. Seus arquétipos principais são originários da instituição familiar, célula básica da sociedade rural, território de estabilidade, de pertinência e de unidades orgânicas de grupos comunitários e corporativos. (PEREIRA, 2002, p. 35).

Como resultado, os estudos mais conservadores continuaram tratando o rural e o urbano em paralelo, carregados de uma visão preconceituosa. No mundo rural, haveria atraso, retrocesso, subdesenvolvimento. Em contraposição a essa ideia, o urbano seria moderno, lugar de desenvolvimento e progresso (PEREIRA, 2002, p.37):

[...] Criaram-se em torno de ambos conceitos, formas rígidas, estereotipadas e reflexões maniqueístas e satanizadas. Na rede imaginária e simbólica do campo comunitarista, condensaram-se os seguintes traços estereotipados: no mundo rural, a cultura é imutável, a família, a Igreja e o poder político local formam o centro de todo o poder. As instituições dominantes ofertam padrões homogêneos de comportamentos como única opção para viver, pensar e agir. (PEREIRA, 2002, p.37).

Todo esse contexto possibilitou que vários sentidos fossem empregados ao termo comunidade durante a pesquisa e que servissem de base para uma discussão a respeito de uma realidade específica, a realidade de comunidades ribeirinhas na Amazônia.

Conectando os pontos das conceituações a respeito de comunidade e o termo ribeirinhos, a pesquisadora faz-se uso do Decreto n. 6040, de 07 de fevereiro de 2007, o qual instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, a qual, no Art. 3, define:

Povos e comunidades tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Tendo por base essa assertiva, parte-se do entendimento de que os ribeirinhos constituem comunidades tradicionais, uma vez que o próprio movimento dos ribeirinhos se autor reconhece dessa forma, caracterizando um processo de empoderamento, tendo em vista que possuem uma relação particular com a natureza, traduzida num corpo de saberes técnicos e conhecimentos sobre os ciclos naturais e os ecossistemas locais de que se apropriam.

No que concerne à cultura das comunidades amazônidas, Morán (1990) afirma que esta representa a síntese dos conhecimentos produzidos e assimilados pela sociedade sobre o meio em que vive, sendo mediatizada pela relação dos homens entre si, bem como por suas inter-relações com a natureza. Nesse caso, as relações homem-natureza encontram-se mediadas pela cultura.

Para compreender as formas de uso dos recursos naturais pelas comunidades tradicionais, interessa não só conhecer as classificações e as taxonomias que refletem o saber florístico e faunístico, mas todo um sistema de crenças e saberes, de mitos e ritos, que conformam o modo de vida, a partir da percepção e aproveitamento dos recursos, pois essas formas de significação estão intimamente relacionadas com a organização cultural como corrobora (POSEY, 1980).¹

Segundo Leff (2000), essas práticas autóctones de manejo dos recursos continuam reproduzindo-se em diferentes espaços étnicos e geográficos como verdadeiras estratégias de sobrevivência cultural e desenvolvimento sustentável. Dessa forma, no ambiente das comunidades tradicionais, pode-se identificar o forte componente cultural, no qual homens e mulheres constroem suas representações simbólicas, seus mapas cognitivos que orientam suas ações. Tais representações se constituem meios pelos quais as pessoas, no estabelecimento de suas relações, reinventam seu mundo, reforçam ou transformam os mundos de seus antepassados (GEERTZ, 1989, p.9).

Dentre os principais agentes sociais que compõem o mosaico amazônico, destacam-se os povos indígenas, as populações ribeirinhas, pescadores,

¹ [...] os povos tradicionais (índios, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas) possuem vasta experiência na utilização e conservação da diversidade biológica e ecológica que está, atualmente, sendo destruída [...]. Os povos tradicionais, em geral, afirmam que, para eles, a 'natureza' não é somente um inventário de recursos naturais, mas representa as forças espirituais e cósmicas que fazem da vida o que ela é. (POSEY, 1980, p. 149-150).

extrativistas, quilombolas, migrantes, entre outras. Segundo Chaves (2009), cada um desses segmentos é constituído por uma identidade sociocultural e política própria, cuja modalidade de sobrevivência e relações político-organizativas estão relacionadas:

- a) a origem étnica por meio da adoção e adaptação de saberes e técnicas de acordo com suas necessidades;
- b) ao padrão complexo de organização da produção e de gestão dos recursos naturais;
- c) a luta pela garantia de sobrevivência e acesso a bens e serviços sociais;
- d) as atividades exercidas, como: agricultura, caça, pesca, coleta e extração, desempenhadas de acordo com suas necessidades e recursos naturais disponíveis.

Na base dos conhecimentos das comunidades tradicionais, predominam os saberes herdados das populações indígenas que habitaram a região desde momentos que antecedem ao processo de colonização. A influência desses outros povos, principalmente a portuguesa, fez surgir a cultura dos caboclos (MORÁN, 1990, p. 67).

De acordo com Morán (1990), a cultura cabocla iniciou-se com a chegada dos portugueses entre 1500 a 1850, seguida por uma fase de aculturação e uma economia baseada no extrativismo da borracha entre 1850 a 1970. O estudo de Morán (1990) evidencia que o caboclo pode ser o ribeirinho, o coletor de seringa ou de castanha, horticultor, canoieiro e pescador, normalmente subsistindo de várias ou algumas dessas atividades.

Por conta disso, traz-se para a pesquisa as definições de educação em áreas protegidas e a educação em turismo, já que é a partir destas fundamentações que se inicia os estudos a respeito da “Educação em Turismo em escolas ribeirinhas: Estudo de caso na comunidade do Tumbira, Baixo Rio Negro”.

O processo da criação de áreas protegidas surge no ocidente e deve ser compreendido com “um enfoque marcado pelos processos excludentes do modo de produção capitalista. De acordo com Diegues (2000) a ideia de áreas protegidas objetiva proteger a vida selvagem da lógica urbano-industrial que não leva em conta o respeito à natureza”.

“Entre as décadas de 1970 e 1980, houve um avanço na criação dessas áreas por conta do movimento ambientalista que, com o caráter preservacionista, defendia a criação de pedaços de terras intocáveis”. (Jesus, Costa e Pinto 2016).

Para dar continuidade na discussão apresenta-se a conceituação a respeito de Educação no Campo, segundo Jesus, Costa e Pinto (2016):

[...] se constrói com e para pessoas que vivem e trabalham no campo e respeita os saberes, a cultura e a identidade de todos os sujeitos, como cita Caldart (2004, p. 28): “A perspectiva da Educação do Campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham no campo para que se encontrem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção do seu destino”.

Em relação ao contexto sócio geográfico, a Educação em Campo na Amazônia:

[...] é caracterizado pelos povos da floresta e ribeirinhos, daí se denominar de educação do campo, da floresta e das águas. Esta opção política de pensar a educação ajuda esses povos a refletirem acerca da sua realidade e das contradições engendradas pelo capital no intuito da busca de um projeto de sociedade em que eles próprios tenham autonomia de pensar e de agir.

A Fundação Amazonas Sustentável (FAS) também é uma das pioneiras na realização de iniciativas a respeito da Educação em Áreas Protegidas, devido sua atuação nesses locais. Possui inclusive, um programa voltado exclusivamente para a educação e saúde. Durante 2010 a FAS lançou seu projeto piloto dos Núcleos de Unidade de Conservação e Sustentabilidade, que compreende a união da escola em áreas protegidas, com os conhecimentos locais e os conhecimentos a respeito do meio ambiente. Segundo a FAS (2010), trata-se de:

Um sistema aplicado a pedagogia da alternância, que divide o tempo de aprendizagem entre a escola e a comunidade. Trata-se de uma proposta inovadora que abrange um modelo de educação adaptado para a realidade local. A estrutura é adaptada para receber os alunos do Tumbira e das comunidades do entorno, além disto, os alunos terão oportunidade de aprender técnicas de permacultura, agroecologia e sistemas agroflorestais. [...]. O Núcleo é composto de escola pública, alojamentos para alunos e professores (Casa Familiar da Floresta e Casa do Professor), posto de saúde e base operacional de apoio à Fundação Amazonas Sustentável. Durante a semana, os alunos ficam nos alojamentos, recebendo todo o apoio necessário, e nos finais de semana regressam às suas comunidades. Os alunos têm o

compromisso de levar para as suas comunidades as técnicas aprendidas no Núcleo.

Ainda a respeito de uma educação em áreas protegidas, Jesus et al, Costa e Pinto (2016) defendem que um projeto de “Educação do campo, da floresta e das águas” poderiam “formar professores contextualizados em seu tempo, espaço e lugar. Sujeitos que possam, de modo individual e coletivo, exercer o protagonismo em suas comunidades” e a partir disto serem transformadores do seu espaço, atingindo crianças e jovens por meio da educação.

A respeito do turismo despontar como atividade econômica, como se conhece, também comporta ação proposta educativa, sendo avaliadas por Chris Cooper (2001) no livro Educando os Educadores em Turismo: Manual de Educação em Turismo e Hospitalidade, a partir de três diferentes vertentes que englobam o termo Educação em Turismo, são elas:

- a) Vocacional: uma visão aonde o turismo e o treinamento oferecido ao estudante com a finalidade de educá-lo para assumir uma posição na indústria. São cursos em turismo para desenvolver uma habilidade específica, como por exemplo agente de viagens ou ainda guia de turismo.
- b) Pesquisa: a abordagem reflete que o turismo é um campo de estudo interessante e tem valor no envolvimento acadêmico por si mesmo. Nessa visão, existem escolhas diferentes em termos de abordagem e enfoque. Tipicamente, tal abordagem é interdisciplinar por natureza e pode trazer outras disciplinas relacionadas, enquanto mantém o turismo como enfoque;
- c) Educacional: aonde vários cursos fazem uso do Turismo para enriquecer e exemplificar matérias ou disciplinas tradicionais. Esta abordagem usará o turismo para ilustrar e clarear conceitos da estrutura da disciplina tradicional. Muitos educadores em turismo podem estar envolvidos no desenvolvimento dessa abordagem.

Relacionando aspectos da Educação em Turismo, onde pode-se notar o uso deste como ferramenta para ensino, pode-se citar alguns autores, como:

Avena (2008, p. 13), assume a viagem como “uma possibilidade de formação, um espaço sociocultural de construção do conhecimento, um movimento multirreferencial, um espaço de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão e o intercâmbio do conhecimento”.

De acordo com Köche (2010, p. 30), conhecimento são representações significativas da realidade e pode ser classificado em mítico, ordinário (também conhecido como senso comum e/ou empírico), artístico, filosófico, religioso e científico, sendo que as duas formas que mais interferem nas decisões diárias do ser humano são o conhecimento do senso comum (ordinário) e o científico.

Gastal e Moesch (2007, p. 15), assinalam que esse campo de práticas sociais (o turismo) envolve processos de estranhamento, em que o turista, em seus deslocamentos, depara-se com o novo que o mobiliza e o induz a “[...] parar e a reolhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas”.

Santos (2011, p. 8) salienta que as características da Educação do nosso tempo, coerentes com a formação de um cidadão futuro instrumentalizado para protagonizar o seu tempo podem se resumir nas seguintes: autonomia, seletividade, planejamento, interação social, coletividade, flexibilidade e criatividade. Há evidências de que estas são as condições básicas para se atingir o sucesso nesse novo século.

Verifica-se que a prática do turismo pedagógico pode ser uma das estratégias capaz de promover a aprendizagem, pois a viagem torna-se a tarefa da aprendizagem beneficiando a criação de significados para assuntos previamente estudados em sala. Além disto, é algo que pode despertar interesse e, por conseguinte, a disposição para a aprendizagem (PECCATIELLO, 2008, p.3).

2. RESULTADOS

2.1. Contexto histórico da educação e o turismo:

Já se sabendo que o caráter contemporâneo de perceber o fenômeno turístico envolve, dentre tantos campos de conhecimento, elementos de educação e formação pessoal e que o mesmo se dá de forma particular, aclara-se que não se trata, aqui, de expor todo o processo evolutivo do turismo, mas sim levar em conta o argumento educacional que o Turismo possui. Podem-se destacar três grandes momentos em que educação e turismo estiveram bastante próximas. Um dos acontecimentos foram: as Peregrinações na Idade Média, o Grand Tour no final do século XVIII e o Intercâmbio Cultural pós - 2º Guerra Mundial.

A respeito das Peregrinações na Idade Média, Thomaz aponta:

Mesmo que não baseada em suficiente documentação científica, é possível afirmar que, durante mencionado período, as peregrinações assumiram aspectos significativos na paisagem europeia, quando não, estratégias políticas e devoção intercambiaram objetivos e motivações. Nesse tempo, os turistas viajavam por questões de estudo, lendo seus textos sagrados e aprendendo sobre o lugar e sua história. Durante seu trajeto, descreviam detalhadamente a paisagem, transcendendo o tempo e o espaço. Ao regressar, publicavam seu material e suas sabedorias religiosas (THOMAZ, 2003, p. 2).

Já a respeito do segundo grande momento, pode-se destacar o Grand Tour, como esclarece Escalona (2005), com caráter pedagógico-educativo essa viagem foi, de fato, a precursora.

Antigamente, não somente na Inglaterra como na Europa em geral, havia-se estimado que as viagens significavam estudos e traduziam-se em desenvolvimento e melhoria da própria personalidade. “A viagem funcionava como uma Academia em movimento” (ROLAND, 2004, p. 3).

Antecedente ao fervor da Revolução Industrial, um dos passos mais importantes de meados e fins do século XVIII foi o denominado Gran Tour. O presente estudo trata o Gran Tour como o ponto inicial do turismo sob o aspecto de agente colaborador da formação pessoal e de apoio à educação, em função de estar devidamente documentado e de existir uma motivação transcendental da viagem.

Sob o nome de Grand Tour reconhecem-se as viagens dos filhos de personagens burgueses da Inglaterra pela Europa com intenção de completar a educação. A (então nova) modalidade alcançou a glória na década de 1770 e foi rapidamente imitada em outros países do Velho Mundo. Conforme observou Salgueiro (2002), Adam Smith pronunciou que o costume se tornava cada vez mais frequente entre as famílias ricas, que mandavam os filhos em viagens a países estrangeiros ainda jovens para aprender idiomas, assim como para edificarem-se e distraírem-se.

Desse modo, a viagem converteu-se na soma de uma série de ações exacerbadas a um ponto nunca antes alcançado. Era hora de medir, palpar, ver, observar ao vivo e se deixar guiar pela ciência e pela experiência. Era o desejo de 'ser testemunhas', de 'estar aí', de 'experimentar em carne própria' o conhecimento de terras distantes [...] (ROLAND, 2004, p. 2).

Após o fenômeno do Gran Tour, as viagens com intenção de intercâmbio cultural intensificaram-se, e, somente depois da Segunda Guerra Mundial, a ideia popularizou-se. Foi o desejo por paz que estreitou os laços entre povos, e graças ao turismo, foi possível enxergar um meio para tal conquista.

Mediante essa situação, organizações turísticas responsáveis criaram, gradativamente, segmentos de turismo extremamente ligados ao mundo da educação. Sob uma grande variedade de nomes está o turismo com finalidade educativa. Todas elas seguem um mesmo princípio (a educação); contudo, apresentam distintos enfoques, tendências, aplicações e atuações (LOCATELLI & MANHÃES, 2011, p.7).

Como exemplos educativamente assumidos, mencionam-se o turismo educacional, “de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes” (BENI, 2007, p. 473) e o turismo científico, que “manifesta atuação no setor de pesquisa e desenvolvimento [...] também chamado de turismo acadêmico, turismo de estudo e turismo de especialidade” (ibid., p. 474). Com tais evidências é possível apreender que o ato de viajar pode ser um útil recurso à metodologia do ensino e da aprendizagem.

2.2. Educação formal e não formal

A educação, geralmente, prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida. Nesse sentido, faz-se necessário

uma educação, ao longo da vida, a fim de dar suporte aos vários aspectos sejam eles, econômicos, sociais, científicos e tecnológicos, impostos por um mundo globalizado.

Segundo Gohn (2006, p. 28), a educação formal:

É aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Vieira (2005) define a educação não formal como aquela que acontece fora do ambiente escolar, podendo ocorrer em vários espaços, institucionalizados ou não:

Assim, a educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido. (VIEIRA, 2005, p. 21).

É importante considerar que assim como o turismo a educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como:

- A aprendizagem política dos direitos dos indivíduos como cidadãos;
- A capacitação dos indivíduos pelo/para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades;
- A aprendizagem e o exercício de práticas que capacitem os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos;
- A aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista da compreensão do que se passa ao seu redor;

Assim, alguns elementos que são características do turismo, são também da educação não formal, destacando-se as seguintes:

- Na educação não formal, o grande educador é o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos.

Além dos termos educação formal e não formal existem de maneira correlacionada, as vertentes da Educação em Turismo. Como defende Chris

Cooper (2001, p. 93), o turismo tem seu valor vocacional, que vai além da atividade econômica, como já foi citado na fundamentação dessa pesquisa. Cooper é o responsável por englobar as diferentes abordagens do turismo não apenas em segmentações de mercado, mas sim no termo Educação em Turismo, citando três vertentes que exemplificam situações entre Turismo e Educação, são elas: pesquisa, educacional e vocacional.

O Estudo do Turismo propriamente dito ou a vertente que se refere a Pesquisa, segundo Cooper (2001), trata-se de que “[...] o Turismo é um campo de estudo e tem valor no envolvimento acadêmico por si mesmo”. Aonde vários estudiosos da área defendem diferentes modelos de produção de conhecimento, mais adiante será apresentado um deles, acreditando-se ser o ideal para tratar do estudo de caso na Escola Thomas Eugene LoveJoy.

Outra vertente seria o Treinamento Vocacional para o Turismo, onde Cooper (2001) exemplifica: “São cursos promovidos para as pessoas trabalharem no mercado/ indústria do turismo. Que possui como meta desenvolver uma habilidade específica, como condutores, guias de turismo, agentes de viagens, cozinheiros, camareiras, entre outras”.

Tratando-se do Turismo como Aplicação ou ainda como a vertente tradicional Cooper (2001) traduz que essa vertente “[...] usa o Turismo para ilustrar a aplicação de outra disciplina, clareando assim conceitos da estrutura da disciplina tradicional [...]. Como em turismo e meio ambiente, aonde se toma conhecimento a respeito dos impactos negativos do turismo ao meio ambiente”.

2.3. Produção de conhecimento em Turismo na universidade

Segundo Jafari e Ritchie (1981, p.13), pode acontecer por meio da interdisciplinaridade. O modelo de produção de conhecimento teria o “estudo do turismo” como centro de discussão e as demais disciplinas que estudam o turismo estão ao redor dessa discussão e contribuem para as análises a respeito da interpretação do fenômeno turístico.

Para Jafari e Ritchie a melhor maneira de se estudar o turismo seria o modelo transdisciplinar, aonde segundo Panosso e Lohmann (2012, p. 43), “o

estudantil, turismo educacional, saída de campo, excursão, visita técnica, estudo do meio, aula-passeio, aula de descoberta, atividade extraclasse/extramuros) como equivalentes ao binômio “Turismo pedagógico”. (LIMA, 2014, p.20).

Assim como existe uma confusão entre os termos que relacionam o turismo com a educação, também existe uma certa confusão entre as segmentações de mercado no turismo. Por isso, a acadêmica separou algumas das segmentações do turismo relacionadas à educação para esclarecer e exemplificar a natureza dessas atividades.

2.4.1. Turismo Cultural

Segundo o Ministério do Turismo (2006), compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. Dentro dessa macro segmentação ainda há outras micro segmentações, são elas: o Turismo Cívico, o Turismo Religioso, o Turismo Místico e Esotérico, Turismo Étnico, Turismo Cinematográfico, Turismo Arqueológico, Turismo Gastronômico, Enoturismo e o Turismo Rodoviário.

Quadro 1: Exemplos de atividades que podem ser realizadas no âmbito do Turismo cultural

Atividade	Descrição
Visitas a comunidades tradicionais e/ou étnicas	Visitas a comunidades tradicionais ou grupos étnicos (comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, comunidades indígenas, quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres), que permite a interação ou acompanhamento de atividades cotidianas ou eventos tradicionais de comunidades locais
Visitas a sítios históricos	Visitas a lugares de interesse histórico-cultural que representam testemunhas do cultural nacional, regional ou local.
Visitas a sítios arqueológicos e/ou paleontológicos	Visitas a sítios arqueológicos e paleontológicos com relevância histórico-cultural.
Visitas a Espaços e Eventos Religiosos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca espiritual e a prática religiosa relacionadas às religiões institucionalizadas, de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica. Ex.: Peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, visitação e espaços e edificações religiosas – igrejas, templos, santuários, terreiros – realização de itinerários de cunho religioso, apresentações artísticas de caráter religioso.
Visita a lugares místicos e esotéricos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos. Ex.: Caminhadas de cunho espiritual e místico, práticas de energização.
Visita a monumentos e celebrações cívicas	Visitas motivadas pelo conhecimento de monumentos, acompanhar ou recordar fatos, observar ou participar em eventos cívicos, que representem a situação presente ou da memória política e histórica de determinados locais.

Atividade	Descrição
Visita a Museus e Casas de cultura	Visitas a locais destinados à apresentação, guarda e conservação de objetos de caráter cultural ou científico. Ex.: Museu da Cachaça, Museu do Folclore etc.
Visitas Gastronômicas	Realização de passeios cujas essências sejam a visitação de roteiros, rotas e circuitos gastronômicos, a participação em eventos gastronômicos, a visitação aos bares, restaurantes e similares de um destino que represente as tradições culinárias da região.
Passeios para festas, festivais, celebrações locais e manifestações populares	Realização de passeios para festas e festivais locais, para apresentações de formas de expressões culturais com fins de informação cultural ou recreação; para acontecimentos ou formas de expressão relacionados à música, dança, folclore, saberes e fazeres locais, práticas religiosas ou manifestações de fé. Ex.: rodas de viola, folia-de-reis, crenças, rezas, novenas.
Passeios para cinemas e teatros	Realização de passeios culturais para teatros e cinemas, conforme programação local.

Fonte: Acervo Ministério do Turismo, 2014.

2.4.2. Turismo Pedagógico

Para Gonçalves (2005) o turismo pedagógico tem como característica “uma prática centrada no ser, na experiência pessoal do aluno, em suas sensações e emoções, promovendo uma mudança de olhar que reflita em sua realidade”. Segundo ainda a autora, o profissional que trabalha com este segmento enfrenta um desafio, que é de provocar uma experiência que altere o olhar do aluno, e o seu comportamento. A ação da agência e seus funcionários atuam como um agente no processo de metamorfose que a lagarta sofre para se tornar borboleta, passando para o discente conhecimento. A grande diferença que existe entre o Turismo Pedagógico e o Científico é que o pedagógico se estende a docentes e discentes com o intuito de ensinar algo além das paredes da escola, enquanto o turismo científico se aplica a um grupo de pessoas, que geralmente não viajam em grupo, e tem como principal motivo da viagem a produção científica.

2.4.3. Turismo Educacional

É quando se realizam atividades de intercâmbio ou cursos de idiomas no exterior, conforme Cunha et al. (2002 apud Gonçalves 2005).

2.4.4. Turismo Científico

BOURLON e MAO (2011) discorrem sobre as Formas do Turismo Científico no Chile, ressaltam as dimensões científicas possíveis e apresentam conexões diretas em especial com os segmentos de Ecoturismo, Turismo Cultural e de Aventura, e com o que denominam de “turismo investigativo”, que no Brasil, classificamos como de Estudos e Intercâmbio. Para os autores, um dos pontos comuns entre as diversas formas de turismo científico, é a busca por “sentido e justificativa” para a mobilidade turística, onde se busca “viajar de maneira útil”.

2.4.5. Turismo de Estudos ou Intercâmbio

Conforme Mota (2009), o turismo de intercâmbio é muito amplo e oferta vários tipos de cursos e atividades com intuítos distintos, podendo assim atender a diferentes demandas. Dentre os diversos tipos de cursos e atividades oferecidos pelo segmento, os programas mais procurados são: colegial; estágios não remunerados; estágios remunerados; cursos de graduação; idioma combinado com interesses específicos; o de idioma geral; o MBA (Master in Business Administration), intercâmbio para negócios; programas para terceira idade; cursos preparatórios para exames com Toefel, Cambridge, Toeic, Ielts, entre outros; programa de férias para adolescentes e adultos, que junta o aprendizado do idioma com, atividades socioculturais e excursões e o Work Experience USA.

3. CAMPO

3.1. Histórico do Turismo em Tumbira

Logo após a criação da RDS Rio Negro em 2008, alguns moradores de comunidades da região foram encorajados a trabalhar com atividades turísticas, como hospedagem e alimentos e bebidas, oferecidos para as pessoas envolvidas no projeto de construção dos Núcleos de Conservação e Sustentabilidade da Fundação Amazonas Sustentável (FAS). A criação da RDS causou mudanças nas atividades econômicas de algumas famílias, há vista que alguns moradores da RDS Rio Negro já trabalhavam como camareiras, cozinheiros, condutores locais, piloteiros, entre outras atividades da área do turismo em empreendimentos turísticos de terceiros na região, como o próprio Ariaú Amazon Towers, responsável pela introdução ao turismo para muitos dos moradores e empreendedores atuais do turismo na RDS.

Também, durante a elaboração do plano de gestão da RDS Rio Negro, um inventário mais apurado demonstrou que a região possuía atrativos naturais e culturais suficientes para que pudesse ser realizado um planejamento da atividade turística na área e desse início a sensibilização, organização e capacitação para a prática do turismo por moradores das comunidades da RDS Rio Negro.

Pela necessidade de ganhos econômicos alternativos às atividades antes realizadas pelos moradores da RDS, as atividades do turismo na região foram vistas como oportuna necessária para a preservação ambiental.

Assim surgiram os primeiros projetos e atividades relacionadas ao Turismo - propostos por docentes e instituições - com o intuito de educar e tornar os jovens do Ensino Médio da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy mais preparados para receberem turistas e conseguirem benefícios culturais, econômicos e ambientais com a atividade.

Começa-se então as iniciativas para uma Educação em Turismo na comunidade de Tumbira, que vai além de educar para se tornar mão de obra nas atividades turísticas, mas também para que os jovens da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy se reconheçam em suas riquezas culturais, possam traçar e registrar sua história de origem, desenvolver sentimento de pertencimento e se tornarem mais conscientes de que são eles que decidem o turismo que querem receber, realizar e praticar.

Figura 3: Sala de aula da Escola Estadual Thomas Eugene Lovejoy



Fonte: Acervo FAZ, 2016.

Figura 4: Auditório da Escola Estadual Thomas Eugene Lovejoy



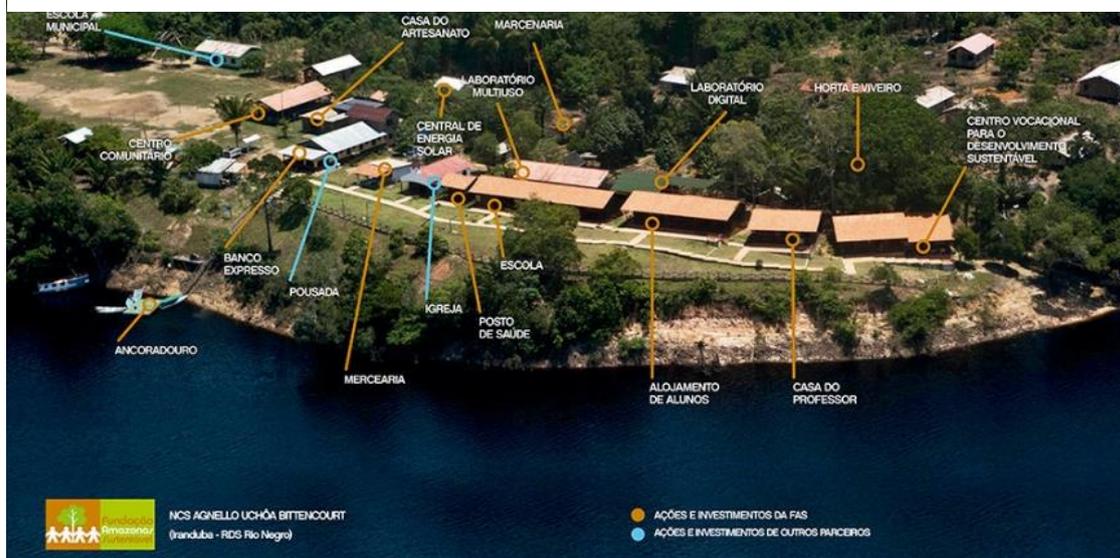
Fonte: Acervo FAS, 2016.

Núcleo de Conservação e Sustentabilidade de Tumbira

O Núcleo de Conservação e Sustentabilidade Agnello Uchôa Bittencour (inaugurado em 2010) implementado na comunidade de Tumbira, foi o primeiro a ser construído pela FAS em parceria com o Governo do Estado do Amazonas, com intuito de viabilizar o acesso ao Ensino Médio e também à Educação de Jovens e Adultos (EJA) na comunidade e no seu entorno.

Existem outras 8 infraestruturas como a do Núcleo Agnello Uchôa Bittencour e em outras áreas protegidas do interior do Amazonas sob iniciativa e gestão da FAS. Cada um deles conta com uma escola estadual, um laboratório multiuso, um laboratório digital, um auditório, um alojamento de alunos, uma casa do professor, uma base da FAS para atividades de campo e também um centro vocacional para o desenvolvimento sustentável, um refeitório e uma cozinha.

Figura 5: Núcleo Agnello Uchôa Bittencourt



Fonte: Acervo site FAS, 2014.

O Núcleo não só passa a promover níveis de ensino que antes só existiam em Manaus ou nos municípios vizinhos - como Iranduba, Novo Airão e Manacapuru- como também insere uma proposta pedagógica baseada na matriz curricular e conhecimentos tradicionais locais. Apoiando-se assim na pedagogia da alternância, entre outras ferramentas e métodos de ensino que ajudam jovens e adultos da comunidade observarem para o lugar de moradia como local de pertencimento, por meio da escola.

Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy

A Escola Thomas Eugene LoveJoy faz parte do complexo do Núcleo de Conservação e Sustentabilidade e é o verdadeiro foco para a existência do núcleo, isso porque seu projeto prega a educação como o fator principal para mudança de *mindset* e comportamento, voltados e adaptados para a sustentabilidade.

A escola recebe o nome de um importante biólogo e renomado cientista em pesquisas relacionadas a Amazônia, Thomas Eugene LoveJoy, que durante as visitas à comunidade a acadêmica teve oportunidade de conhecê-lo.

Conta com três etapas de ensino, sendo elas: o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (supletivo) e com um total de 70 funcionários e 32 jovens matriculados no Ensino Médio (EM), que se subdividem em: 11 discentes no primeiro ano do EM, 12 do segundo ano do EM e 9 discentes no 3º ano do EM.

Algumas das ferramentas de aprendizagem são os projetos extraclasse promovidos pelo corpo docente e também por outras instituições que atuam na comunidade, com o intuito de promover a educação e gestão ambiental da comunidade na RDS Rio Negro. Ainda há outra ferramenta muito importante, o Ensino por mediação tecnológica, uma iniciativa do Governo do estado do Amazonas para levar educação a lugares de difícil acesso, como comunidades ribeirinhas, indígenas e alguns municípios.

Figura 6: Ensino por mediação tecnológica



Fonte: Acervo Secretaria de Estado de Educação, 2008.

Essa ferramenta é ofertada para o ensino médio e o ensino fundamental e apesar do conteúdo ser por mediação tecnológica, há necessidade de os discentes estarem em sala de aula em horário de aula, acompanhados por um docente da escola e na maioria das vezes da própria comunidade. A estrutura curricular está baseada nos princípios de contextualização e

interdisciplinaridade, vinculando os temas ao mundo do trabalho e da prática social.

Os conteúdos pedagógicos ministrados são: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Pedagogia da Alternância

As Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) se originaram das Maisons Familiares Rurales da França. Toda a bibliografia consultada destaca a iniciativa de três agricultores e um padre de uma comunidade rural do sudoeste da França, quando se confrontaram com a situação de um adolescente de 14 anos que se recusou a ir à escola convencional. Como resultado do debate que se seguiu, foi criada, em 1935, a primeira Maison Familiale Rurale (MFR) de que se tem notícia. Segundo essa bibliografia, os princípios que orientaram a construção da identidade do movimento das MFRs nesse período de criação e expansão podem ser assim resumidos:

- A constituição de uma associação de pais responsáveis por todas as questões relativas à escola, da demanda por sua criação às condições de funcionamento;
- A alternância de etapas de formação entre a Maison Familiale e a propriedade familiar como princípio norteador da prática pedagógica;
- A composição de pequenos grupos de jovens (de 12 a 15) sob a responsabilidade de um monitor como possibilidade de aplicação dos princípios pedagógicos da alternância;
- A formação completa da personalidade, dos aspectos técnicos aos morais e religiosos, como pressuposto fundamental do ideal de educação a ser perseguido;
- O desenvolvimento local sustentável como horizonte a nortear a relação entre as pessoas e o meio ambiente que habitam.

Os agricultores pioneiros que levaram adiante a constituição das Maisons Familiares Rurales estavam preocupados em criar estratégias de desenvolvimento para sua comunidade, ao mesmo tempo em que se preocupavam com um tipo de educação diferenciada para os jovens de seu vilarejo. Eles imaginaram um tipo de escola que seus filhos não rejeitariam, porque ela iria atender às suas reais necessidades. Assim, eles pensaram em criar uma estrutura de formação que seria da responsabilidade dos pais e das forças sociais locais, em que os conhecimentos a serem adquiridos seriam encontrados na escola, mas também na vida cotidiana, na família, na comunidade, na vila.

Quanto a proposta pedagógica, Pedro Puig Calvó diz:

Uma Escola Família Agrícola é uma associação de famílias, pessoas e instituições que buscam solucionar a problemática comum da evolução e do desenvolvimento local através de atividades de formação, principalmente dos jovens, sem entretanto excluir os adultos (Calvó, 1999, p. 5).

Matriz Curricular da Escola

A Matriz Curricular adotada pela Escola Thomas Eugene LoveJoy segue a matriz de referência do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), é uma prova e criada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para testar o nível de aprendizado dos alunos que concluíram o ensino médio no Brasil. Além de ajudar o governo a traçar um parâmetro de comparação sobre a qualidade do ensino médio brasileiro, o resultado obtido no Enem também pode ser utilizado para que o concursando possa ingressar no ambiente universitário, através de várias possibilidades (INEP, 2019, p. 2).

Essas são as áreas de conhecimento e suas disciplinas expostas em um quadro, segundo a SEDUC:

Quadro 2: Apresentação dos Componentes Curriculares organizados em quatro áreas do conhecimento

I-Linguagem	II-Matemática	III-Ciências da Natureza	IV-Ciências Humanas
Língua Portuguesa	Matemática	Biologia	História
Língua Estrangeira Moderna (Língua Inglesa e/ou Espanhola)		Química	Geografia
Arte		Física	Sociologia
Educação Física			Filosofia

Fonte: Acervo Governo do Estado do Amazonas, 2017.

Quadro 3: Matriz curricular do Ensino Médio Presencial com mediação tecnológica (2014)

Legislação	Áreas do Conhecimento	Componente Curricular	1º. Série		2º. Série		3º. Série		Carga Horária Total
			D/L	C/H	D/L	C/H	D/L	C/H	
LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL N. 9394/1996	Linguagens	Língua Portuguesa	32	160	32	160	32	160	480
		Arte	16	80	0	0	0	0	80
		Educação física	16	80	16	80	16	80	240
	Ciências da Natureza	Física	16	80	24	120	24	120	320
		Química	16	80	24	120	24	120	320
		Biologia	19	80	16	80	16	80	240

Resolução n. 04/2010 CNE/CEB	Matemática	Matemática	24	120	24	120	24	120	360
	Ciências Humanas	Historia	16	80	16	80	16	80	240
		Geografia	16	80	16	80	16	80	240
		Sociologia	8	40	8	40	8	40	120
Resolução n. 02/2012 CNE/CEB	Subtotal		184	920	184	920	184	920	2760
	Linguagens (Parte Diversificada)	Língua Estrangeira Moderna-Inglês	16	80	16	80	16	80	240
		*Espanhol	0	0	0	0	0	0	40
Total			200	1000	200	1000	200	1000	3040

Fonte: Acervo Governo do Estado do Amazonas, 2017.

Legenda: D/L= Dias letivos, CH= Carga Horária.

A respeito do que é tratado como conteúdo curricular no ensino médio nas áreas do conhecimento expostas nos quadros anteriores, temos:

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

As disciplinas que compõem esta área de conhecimento têm por objetivo tornar o aluno capaz de aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida; conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações; compreender e usar a linguagem corporal; compreender a arte como saber cultural e estético; analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens; compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens; compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade. (Fundação Getúlio Vargas, 2019).

Matemática e suas Tecnologias

O objetivo desta área de conhecimento é tornar o aluno capaz de construir significados para os números naturais, inteiros, racionais e reais; utilizar o conhecimento geométrico para realizar a leitura e a

representação da realidade e agir sobre ela; construir noções de grandezas e medidas para a compreensão da realidade e a solução de problemas do cotidiano; modelar e resolver problemas que envolvem variáveis socioeconômicas ou técnico-científicas, usando representações algébricas; interpretar informações de natureza científica e social obtidas da leitura de gráficos e tabelas. (Fundação Getúlio Vargas, 2019).

Ciências da Natureza e suas Tecnologias

As disciplinas que compõem esta área de conhecimento têm por objetivo tornar o aluno capaz de compreender as ciências naturais e as tecnologias a elas associadas como construções humanas, percebendo seus papéis nos processos de produção e no desenvolvimento econômico e social da humanidade; identificar a presença e aplicar as tecnologias associadas às ciências naturais em diferentes contextos; associar intervenções que resultam em degradação ou conservação ambiental a processos produtivos e sociais e a instrumentos ou ações científico-tecnológicos; compreender interações entre organismos e ambiente, em particular aquelas relacionadas à saúde humana, relacionando conhecimentos científicos, aspectos culturais e características individuais; apropriar-se de conhecimentos da física, química e biologia em situações-problema, interpretar, avaliar ou planejar intervenções. (Fundação Getúlio Vargas, 2019).

Ciências Humanas e suas Tecnologias

As disciplinas que compõem esta área de conhecimento têm por objetivo tornar o aluno capaz de compreender os elementos culturais que constituem as identidades; compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder; compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais; entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social; utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade; compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos. (Fundação Getúlio Vargas, 2019).

Programa de Educação e Saúde da FAS

Desde de 2012 a FAS estabeleceu o Programa de Educação e Saúde – PES com a intenção de implementar um conjunto de projetos e iniciativas para promover o acesso à educação de qualidade, formação profissionalizante e atenção básica de saúde nas Unidades de Conservação (UC) onde atua. Isso porque a Fundação entende que para alcançar o desenvolvimento sustentável na Amazônia seria necessário promover o direito à educação, saúde e cidadania em comunidades ribeirinhas.

As ações do PES estão voltadas ao desenvolvimento de soluções e políticas públicas direcionadas à atenção integral da primeira infância da criança ribeirinha, à mobilização para o acesso a direitos de adolescentes e jovens, a educação básica e profissionalizante de qualidade em áreas remotas, e ao desenvolvimento de modelos de saúde voltados para a realidade amazônica.

São projetos que pertencem ao PES: o Curso Técnico em Produção Sustentável, o Projeto de Incentivo à Leitura e Escrita, o Projeto de Gerenciamento de Resíduos Sólidos, o Projeto de Práticas Agroecológicas e Permaculturas, o Projeto Jovens Empreendedores da Floresta, o Intercâmbio de Saberes, o Projeto de Incentivo à Leitura e Escrita (Incenturita), o projeto Escola D'Água Swarovsk, Programa de Desenvolvimento Integral de Crianças e Adolescentes Ribeirinhas na Amazônia (Dicara), o Projeto Repórteres da Floresta, além das pesquisas realizadas para o Observatório de Educação e Software EDK e também para o Livro Bases do Aprendizado para o Desenvolvimento Sustentável.

Ainda há outros projetos realizados pelo Programa Soluções Inovadoras da FAS que estão relacionados com a educação dos discentes da Escola Thomas Eugene LoveJoy, são eles: o Projeto Pró-espécies, o projeto de Empreendedorismo Ribeirinho e o projeto Amazônia-Edu.

Nem todos os projetos e iniciativas da FAS citados acima são realizados na comunidade de Tumbira, alguns atendem uma demanda específica de outras unidades de conservação acompanhadas. No capítulo XX, será percorrido com detalhes a respeito desses projetos e iniciativas que os discentes da Escola Thomas Eugene LoveJoy participam, tão como aqueles desenvolvidos pelos docentes e também pelo Departamento de Mudanças Climáticas e Gestão de Unidades de Conservação (DEMUC).

No ano de 2017, o Programa de Educação e Saúde da FAS e o Fundo das Nações Unidas para a Infância da Unicef publicam um relatório técnico chamado Recortes e Cenários Educacionais em Localidades Rurais Ribeirinhas do Amazonas com o intuito de levantar dados educacionais em localidades ribeirinhas do Estado Amazonas e convidar estudantes, professores, gestores públicos e a sociedade civil a refletir acerca do cenário da educação no Amazonas e da superação de seus desafios.

A Escola Thomas Eugene LoveJoy não é citada na pesquisa, porém o relatório traz fontes riquíssimas a respeito da educação em escolas ribeirinhas que se encontravam em áreas protegidas no interior do estado do Amazonas.

3.2. Projetos e iniciativas de Educação em Turismo realizados na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy e suas contribuições para a educação e cidadania dos discentes

Os projetos e iniciativas relacionados a Educação em Turismo na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy se dividem em duas formas, aqueles propostos pelo corpo docente da escola e os propostos pela FAS e o DEMUC. A seguir todos aqueles projetos e iniciativas que foram investigados durante a pesquisa serão detalhados quanto a natureza de sua iniciativa, tempo de duração, como se deu a participação do corpo docente e discente da escola objeto de estudo, quais métodos de ensino foram utilizados, qual a relação entre a matriz curricular da escola com o turismo em si, qual a relação com os saberes e fazeres tradicionais da comunidade e também as experiências dos atores envolvidos.

Projetos e iniciativas do corpo docente da Escola Thomas Eugene LoveJoy

Por meio de uma entrevista semiestruturada, com critérios já apresentados no parágrafo anterior, foi possível aplicar e levantar dados com OR, discente da escola e com VG, docente da escola, a respeito dos projetos e iniciativas propostos pelo corpo docente da Eugene LoveJoy. Entre eles levantou-se:

Recicle Suas Ideias

O projeto visava que os discentes trouxessem resíduos sólidos (qualquer matéria sólida ou semissólida que é produzida e /ou descartada pelo homem e pela natureza, tais como: embalagens, produtos eletrônicos, galhos, folhas de árvores, entre muitos outros itens. Segundo FRAGMAQ, 2015, p.1) de suas comunidades para a escola, *lócus* da pesquisa, e separassem as diversas embalagens recicláveis para que pudessem dar a destinação correta para aqueles resíduos. O projeto durou entre os anos de 2012 a 2016.

O Recicle suas Ideias foi implementado pela Inês Alencar, uma docente da escola, responsável por acompanhar e orientar os discentes ao longo dos anos sobre o projeto em Tumbeira. Mesmo com uma docente a frente o projeto, a campanha em relação ao lixo nas comunidades partiu da FAS.

Perguntado a OR, discente que colaborou para com esta pesquisa nos anos de 2016 a 2019, sobre como se deu a participação do corpo docente e discente, ela afirma:

“A Inês lançou um desafio e todos os alunos participavam com os professores de cada sala de aula. Funcionava como uma gincana aonde os alunos coletavam resíduos recicláveis e que não tinham condições de serem descartados na comunidade”.

Já em relação aos métodos de ensino que foram utilizados, constatou-se que foram utilizados: gincanas, apresentações e pequenas palestras. Quanto a relação matriz curricular percebeu-se uma relação com os componentes curriculares de Química e Biologia. OR disse que não enxergou nenhuma relação entre o projeto e os saberes e fazeres tradicionais com a comunidade, apenas que: “antes do projeto as pessoas achavam que queimar ou enterrar o lixo seria a melhor destinação que poderia haver para ele”.

Segundo a FAS (site FAS, 2019):

Desde o início do projeto, em 2012, já foram enviadas mais de 17.820 embalagens de salgados de milho, margarina, perfumes, loções, canetas, embalagens de suco em pó etc. Somente no NCS Abelha, localizado na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Juma, foram coletados mais de 30 kg de embalagens reaproveitáveis em 2014. Além disso, outros 33kg de pilhas foram coletados e regressaram para Manaus, onde receberam destinação correta pelo projeto.

Figura 7: Alunos da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy durante projeto Recicle Suas Ideias.



Fonte: Acervo FAS, 2016.

Sabão sustentável - Vera Garrido

O projeto sabão sustentável teve início no ano de 2015 e perdurou até o ano de 2017. Ele é uma iniciativa da Professora Vera Garrido da escola, lócus da pesquisa. Por conta da sua formação técnica em gestão ambiental e também apreço por projetos de cunho sustentável, Vera propôs aos alunos do ensino médio aprender a produzir sabão a partir do óleo de cozinha nos horários livres da escola, com dias definidos mensalmente.

Os discentes eram responsáveis em fazer a coleta do óleo de cozinha durante o mês todo e depois levavam para a casa da docente para realizar oficinas de produção do sabão a partir do óleo. Segundo Vera, além das oficinas os discentes tinham de realizar pesquisas em relação aos componentes químicos do próprio óleo e das demais substâncias que podiam se juntar a ele durante o preparo de alguns alimentos, tão quanto levantar matérias primas baratas e locais para criar novos tipos de sabão.

Segundo Vera, os componentes curriculares com que o projeto conversava eram Química e Biologia e que também não se trata de algo apreendido com alguém da sua família ou até mesmo algum morador da comunidade. O sabão sustentável foi algo que Vera aprendeu durante o seu curso técnico de gestão ambiental e quis propor uma atividade extraclasse para os discentes, com a tentativa de fazê-los estudar mais por incentivo da prática e também serem mais conscientes com o lixo que produzem. Além de atividade de cunho científico, os discentes também puderam colocar em prática suas

competências para vendas e gestão dos valores arrecadados com os sabões vendidos.

Doces e salgados

Um outro projeto proposto pela docente Vera Garrido foram as oficinas de doces e salgados, no ano de 2016. As oficinas tinham o intuito de ensinar meninos e meninas a cozinhar e poderem a partir disso ter uma renda extra, além de aprenderem na prática sobre Matemática e Química. Entre a relação de saberes e fazeres tradicionais destacaram-se o conhecimento da própria Vera por ter apreendido muitas dessas receitas com as mulheres de sua família e outras ela mesmo ter adaptado.

ColetivAção – Alunos

Segundo a discente OR, em 2017 começou um projeto em Tumbeira chamado ColetivAção, que envolvia os discentes da escola, lócus da pesquisa, das comunidades Santa Helena do Inglês, Saracá, Camará, Carão e Tumbeira para serem um grupo social de jovens com voz ativa para temáticas importantes para a sociedade e principalmente para a realidade das comunidades citadas.

O ColetivAção é composto por 16 discentes da Eugene Love Joy, do ensino médio e também ensino fundamental. Temas como resíduos sólidos, igualdade de gênero e os Objetivos do Desenvolvido Sustentável para 2030 foram algumas das temáticas desenvolvidas. O projeto começou por iniciativa da FAS e hoje, em 2019, já é gestado pelos próprios jovens que participaram desde o início.

Alguns dos métodos utilizados pela FAS no início e que permanecem até hoje com o grupo de jovens para a facilitação e discussão de diversas temáticas nas comunidades são as palestras, os trabalhos em grupo e outras atividades práticas, como alguns eventos.

Figura 8: ColetivAção no Tumbira



Fonte: Acervo Odenilze Ramos, 2018.

Figura 9: ColetivAção com crianças



Fonte: Acervo Odenilze Ramos, 2018.

Figura 10: Cine ColetivAção



Fonte: Acervo Odenilze Ramos, 2018.

História das Comunidades

O projeto História das Comunidades aconteceu nos anos de 2014 e 2016, como parte das atividades propostas em sala de aula pelos docentes da escola, lócus da pesquisa. Duas das docentes que estavam a frente do projeto eram a professora Izolena Garrido e a professora Vera Garrido, ambas irmãs e importantes peças para a construção da história das comunidades.

As comunidades envolvidas nas pesquisas, foram Santa Helena do Inglês, Saracá, Camará, Carão e Tumbira, justamente por ser o local de origem dos discente da escola. Foi a partir de pesquisas realizadas com as famílias dos discentes, nas comunidades em que moravam e também a partir da

apresentação de seminários expositivos e a formatação de um livro não publicado com a união de todas essas histórias sobre a origem das comunidades da região.

Segundo Vera Garrido, os discentes perceberam uma forte aproximação dos componentes curriculares: História, Geografia e Literatura. Além de perceberem que apenas os moradores mais antigos das comunidades eram capazes de contar as histórias e fornecer provas, como fotografias, documentos de registro da comunidade, entre outros tornou o processo desse projeto emponderador para muitos desses jovens, que desconheciam sua própria história.

Figura 11: Imagem de História das comunidades: fundador de Tumbira à esquerda



Fonte: Acervo Vera Garrido, 2014.

Plantas Medicinais - Vera Garrido

Vera Garrido, também é responsável, por uma longa pesquisa realizada com os discentes do 3º ano do ensino médio a respeito das plantas medicinais da Amazônia que se encontravam na região das comunidades em que os discentes da escola moravam.

O projeto aconteceu em 2016 e os alunos puderam aprender mais a respeito das plantas medicinais da Amazônia por meio de pesquisas orientadas pela professora em livros e na *internet*, também devido a produção de um

catálogo como todas as plantas medicinais levantadas, além de um seminário expositivo.

Segundo OR, discente da escola supracitada, foi possível ver a relação do que era proposto como atividade extraclasse e os componentes curriculares de Biologia e Geografia. Além do conhecimento popular que os próprios jovens e seus familiares possuíam a respeito das plantas medicinais.

Figura 12: Discentes durante atividade em campo



Fonte: Acervo Odenilze Ramos, 2018.

Pesquisa sobre quelônios

Também iniciativa da docente Vera Garrido, esse projeto que foi aplicado com a turma do terceiro ano do ensino médio em 2016, teve como seus objetivos: Conceituar quelônios; reconhecer as espécies de quelônios mais comuns da região e; propor cuidados para a preservação das espécies descobertas durante a pesquisa.

Como principal metodologia de ensino, destaca-se o seminário expositivo para a escola e moradores das comunidades aonde os discentes moravam. Segundo Vera Garrido, os discentes conseguiram fazer uma ligação entre os componentes curriculares de Biologia e Geografia.

Figura 13: – Imagem extraída da pesquisa sobre quelônios da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy.



Nome comum: IRAPUCA OU CALANUMÃ

Família: Podocnemididae

Nome científico: *Podocnemis erythrocephala*

Tamanho: o maior comprimento registrado para a espécie foi de 32,2 cm.

Fonte: Acervo Vera Garrido, 2016.

Além desses projetos e iniciativas apresentados, foi possível identificar outros projetos que não obtivemos informações suficientes ou não pertenciam ao tempo em que essa pesquisa foi produzida e por isso não foram expostos aqui, mas ainda sim levantados pelas entrevistadas com a OR e a Vera Garrido, foram: Comidas típicas da região. Um estudo do solo e das águas da RDS Rio Negro; Grupo Arade (Arte Dança) e um Curso de Agrofloresta.

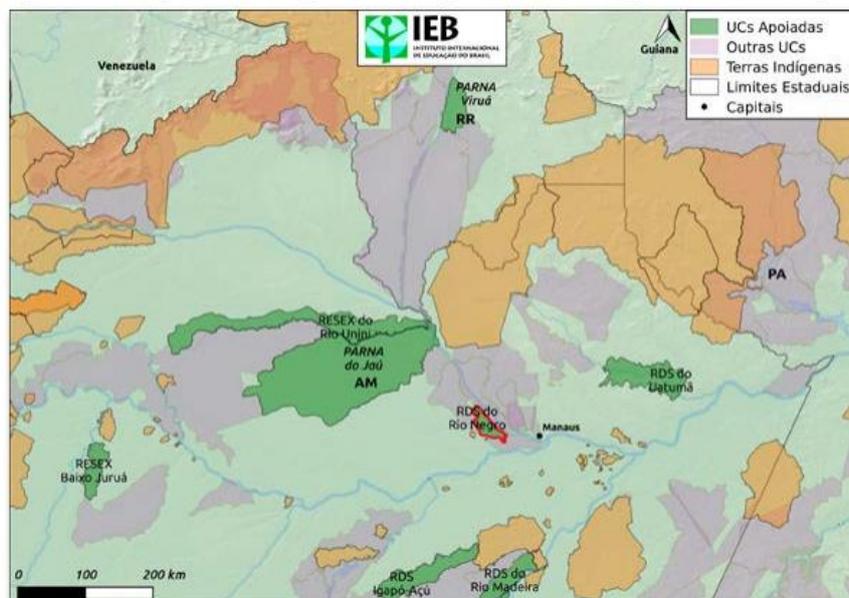
Projeto do Departamento de Mudanças Climáticas e Gestão de Unidades de Conservação (DEMUC)

Jovens Protagonistas da RDS Rio Negro

O programa é uma iniciativa do Departamento de Mudanças Climáticas e Unidades de Conservação da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (DEMUC/SEMA), com financiamento do programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA). O “Programa de capacitação de jovens lideranças multiplicadoras em Unidades de Conservação estaduais: Jovens Protagonistas na RDS Rio Negro – Verde Perto Educação” teve por objetivo promover o fortalecimento comunitário, com a intenção de multiplicar conhecimentos de biodiversidade, monitoramento e educação ambiental, visando fortalecer a gestão participativa.

Figura 14: Localização do Plano de Ação “Jovens Protagonistas na RDS Rio Negro”

Figura 25 - Localização do Plano de Ação “Jovens Protagonistas na RDS Rio Negro - Verde Perto Educação.”



Fonte: Acervo IEB, 2016.

Em 2016 a Fundação Vitória Amazônica (FVA) contribuiu com uma oficina de educomunicação durante o 9º Encontro do Projeto Jovens Protagonistas da RDS do Rio Negro, realizado na comunidade de São Tomé, no Lago da Acajatuba, Iranduba (AM).

Figura 15: 9º Encontro do Projeto Jovens Protagonistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Rio Negro em 2016

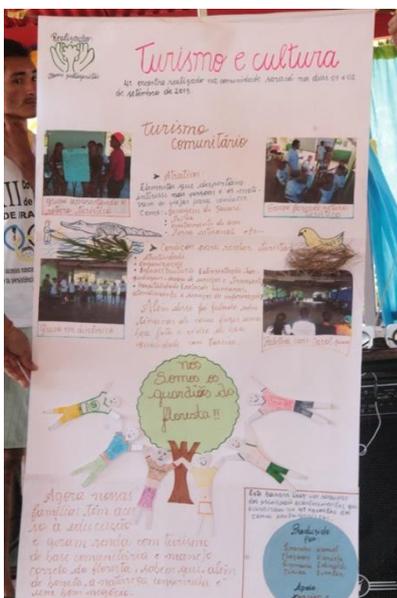


Fonte: Acervo FVA, 2016.

A oficina ministrada pelos técnicos do Programa Gente para Conservação da FVA, Débora Menezes e Tarcísio Madalena, reuniu cerca de 40 jovens comunitários que conversaram sobre comunicação e seus desafios, e ainda produziram peças como programas de rádio, fotonovelas e jornal-mural.

Educomunicação é o nome dado à um campo de estudos e de práticas que incentivam a análise crítica da mídia, bem como a produção coletiva de comunicação por diversos grupos sociais. Nessa abordagem realizada com os jovens comunitários da RDS, pensar sobre, e praticar comunicação, fortalece o protagonismo social, além de incentivar as habilidades de leitura e escrita. Para a gestão participativa de Unidades de Conservação, experiências educacionais também são positivas para fazer circular o conhecimento sobre o universo relacionado a temas como biodiversidade, áreas protegidas e cidadania.

Figura 16: 9º Encontro do Projeto Jovens Protagonistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Rio Negro em 2016.



Fonte: Acervo FVA, 2016.

O gestor da RDS Rio Negro e um dos articuladores para a realização do Projeto Jovens Protagonistas, Pablo Pacheco, explicou que foram realizados nove encontros formativos, divididos entre palestras sobre temas diversos (saúde e cidadania, por exemplo) e oficinas com práticas de música, teatro e artesanato. Além disso, 20 jovens participantes visitaram 20 Unidades de Conservação pelo Brasil, para conhecer a realidade de outros comunitários que vivem dentro e no entorno destas áreas protegidas. Ao todo, houve a

participação de mais de 200 jovens nos encontros, em um período de 20 meses de projeto.

Já observamos bons resultados”, lembra o gestor, destacando a participação de três jovens no conselho gestor da RDS. Além disso, o financiamento do programa ARPA foi finalizado, mas os jovens estão se organizando para conseguir outras formas de apoio para a continuidade de ações. (Pablo Pacheco, gestor da RDS do Rio Negro em 2016, p.3).

A FVA planeja realizar projetos de formação de lideranças e outras atividades com jovens comunitários, seja apoiando ações de parceiros como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e também organizando e realizando cursos e oficinas. Estas ações fazem parte do Programa Gente Para Conservação, que tem como foco atividades relacionadas, entre outros, à geração de conhecimento, processos educativos e incentivo à organização social comunitária.

O projeto realizou 07 (sete) encontros que contaram com a participação de cerca de 231 jovens. Foram identificadas 15 pessoas de 10 comunidades que podem ser consideradas jovens lideranças com potencial e protagonismo suficientes para levarem adiante o trabalho relacionado aos objetivos e metas do projeto jovens protagonistas em suas comunidades. Cerca de 40 jovens participaram de mais de 50% dos encontros formativos. Os núcleos de jovens protagonistas demonstraram interesse em trabalhar com o gestor da unidade de conservação dando suporte em demandas nos cuidados com a RDS Rio Negro.

Entre os resultados do projeto está a aproximação que o plano de ação promoveu entre a equipe gestora e os pais dos jovens protagonistas. O envolvimento dos jovens protagonistas proporcionou o estabelecimento de uma relação de irmandade com as comunidades, pois no início as conversas eram mais fechadas e havia certa resistência com a equipe responsável por todos os aspectos de gestão da RDS. Com a mudança desse quadro, o projeto fortaleceu a liberdade de expressão e de comunicação com os jovens, ajudando-os a vencer a timidez e elevando a autoestima.

Em 2016 o processo de formação caminhava para o seu 10º encontro. Mas, foi a partir do 7º encontro, que os próprios jovens assumiram a facilitação e até mesmo a organização das oficinas. Um dos desafios durante o processo foi convencer os jovens a trocar as poucas atividades de lazer que existem na

RDS, a exemplo do futebol, por reuniões onde se discute a organização comunitária.

Nessa mesma época os jovens estavam ocupando o espaço de arrecadação das mensalidades para a associação. Um grupo de cinco jovens faziam a arrecadação junto às famílias para o pagamento da “associação mãe” da Reserva. Um total de 624 famílias eram beneficiárias do Programa Bolsa Floresta. Este trabalho tem fortalecido a identidade dos jovens em relação ao território e ao trabalho coletivo relacionado a gestão da RDS.

Temos três vagas para jovens no Conselho da Reserva (três titulares e três suplentes) e a participação deles na última reunião do conselho tem se mostrado muito boa. Dois dos jovens protagonistas decidiram fazer faculdade e já estão morando na cidade para viabilizar isso”. Outros três jovens fazem parte da Diretoria da Associação. (Pablo Pacheco, gestor da RDS do Rio Negro em 2016).

Seis jovens são agentes ambientais voluntários, oito são monitores dos protocolos mínimos da biodiversidade e quatro são guias credenciados pelo SEBRAE em “bird watching” (observação de pássaros). O PAS também estimulou uma visão diferente sobre o lixo nas comunidades. Duas delas já fazem localmente a compostagem do lixo. O Gestor é muitas vezes convidado para dar palestras e hoje já envia os jovens para fazer isso. Também já são demandados para moderar e secretariar reuniões e demonstram ter capacidades para isso.

Projetos e iniciativas da Fundação Amazonas Sustentável (FAS)

INCENTURITA (Projeto de incentivo à leitura e a escrita)

O Projeto de Incentivo à Leitura e Escrita (INCETURITA) da FAS tem como objetivo promover a leitura, o domínio da oratória e da escrita para crianças e adolescentes de escolas ribeirinhas de quatro Unidades de Conservação (UC) no Amazonas. As atividades são desenvolvidas na comunidade Punã, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Mamirauá, no município de Uarini; Agnello Bittencourt, na comunidade Tumbeira, na RDS Rio Negro, em

Iranduba; e Assy Manana, na comunidade Três Unidos, dentro da Área de Proteção Ambiental Rio Negro, em Manaus.

O ano de 2017 o projeto alcançou a marca de 192 alunos participantes, do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e do 1º ao 3º do nível médio. A iniciativa realiza atividades como oficinas sobre subgêneros literários, desde o conto, até a ficção e elementos tradicionais de narrativa; distribuição de livros; rodas de diálogo sobre as relações entre tradição oral e a literatura; oficinas de improviso e narração; interpretação de texto; oficinas de produção textual, além de leituras compartilhadas de textos de escritores amazonenses.

Em 2018 o projeto passou por uma mudança de coordenador e também foi reformulado com a intenção de se aproximar e contar, a partir desses jovens e crianças, a realidade vivida por eles. Foi dessa maneira que pequenos projetos dentro do INCENTURITA se tornaram realidade, como: o Atlas ‘Fala, Beiradão’ que é um livro com palavras e expressões muito faladas nessas comunidades, que foram levantadas, organizadas e ilustradas para se tornar uma obra.

Outro projeto chamado Banco de Histórias de Vida, aonde textos literários foram produzidos pelos jovens ribeirinhos durante as visitas do projeto com escritores amazonenses, como: Jan Santos, Beatriz Mascarenhas, Thiago de Melo e Vera do Val. Os textos contam fatos reais e causos da vida nas comunidades ribeirinhas a partir da ótica desses jovens.

Uma peça foi coproduzida entre os jovens da comunidade Tumbeira, na RDS do Rio Negro, em Iranduba, aonde criaram e encenaram uma peça teatral inspirada no livro “A Batalha da Cachoeira do Cipó”, de Vera do Val, utilizando exemplares doados pela própria autora.

Além do desenvolvimento da escrita, do incentivo à leitura, e realização de outros projetos que retratam suas vidas o INCENTURITA também conta com uma apresentação no Festival Juventudes que acontece ao final do ano - encerrando as atividades anuais do projeto - na comunidade de Tumbeira e é nesse momento que pais e outros convidados podem reconhecer os jovens talentos da comunidade. O projeto INCENTURITA segue dando continuidade a esses pequenos projetos no ano de 2019.

Figura 17: – Projeto de Incentivo e leitura da Fundação Amazonas Sustentável em 2017



Fonte: Acervo FAS, 2017.

Figura 18: Projeto de Incentivo e leitura da Fundação Amazonas Sustentável em 2018



Fonte: Acervo FAS, 2018.

Repórteres da Floresta

O Projeto Repórteres da Floresta tem por objetivo levar a perspectiva dos jovens da floresta para o mundo, por meio de práticas de educomunicação, como oficinas de rádio, vídeo e produção de texto para estudantes dos Núcleos de

Conservação e Sustentabilidade (NCS) da FAS. Criado em 2014, a ação é uma parceria da FAS com a Samsung apoiada pelo Fundo Amazônia/BNDES e mais de 115 jovens que ainda estão na escola nas RDS do Rio Negro, do Juma, Mamirauá e do Uatumã, além da APA do Rio Negro participam.

Algumas das atividades realizadas pelos repórteres foram: a produção mensal de um jornal impresso com histórias e informações a respeito das comunidades aonde os jovens participantes moram e estudam; também a produção de materiais veiculados as redes sociais do projeto e rádios dos núcleos de unidade de conservação, aonde há atuação da FAS no estado do Amazonas foi desenvolvido um programa para a TV aberta e a internet, chamado Tá em casa, em parceria com o canal AmazonSat, aonde os jovens mostravam as personalidades e eventos da comunidade do Tumbeira, projetos da escola, entre outros; em junho de 2018 foi realizado I Encontro de Repórteres da Floresta, que reuniu importantes nomes do jornalismo amazonense em um dia de interação e trocas na Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Negro.

Figura 19: Visitas técnicas do projeto repórteres da floresta em Manaus em 2017



Fonte: Acervo FAS, 2018.

Intercâmbio de Saberes

Figura 20: – Intercâmbio de Saberes 2017 em visita ao Impact Hub Manaus



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Uma iniciativa voltada ao fortalecimento do protagonismo juvenil, o Intercâmbio de Saberes busca promover a mobilização e o empoderamento dos jovens moradores de unidades de conservação, relacionada aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Organização das Nações Unidas (ONU).

O Intercâmbio de Saberes é realizado em parceria com a Secretaria de Estado da Educação (Seduz) desde 2012. A atividade mobiliza estudantes da Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Negro, e das RDS do Rio Negro, Puranga Conquista, Juma, Mamirauá e Uatumã para uma troca de experiências sobre os desafios para a sustentabilidade em cada comunidade.

Em cada unidade de conservação aonde há um núcleo da FAS acontece rodadas de oficinas com temas como ativismo social, ODS e elaboração de projetos para transformação e de forma democrática são escolhidos cinco jovens para representar sua comunidade e sua UC durante o Intercâmbio de Saberes em Manaus.

Em 2017, o evento teve como foco a “Amazônia que queremos em 2030”, envolvendo 34 estudantes e cerca de 10 professores de cada núcleo, que

participam ativamente de todas as atividades e ajudam as jovens lideranças a transpassar o que foi aprendido durante os dias de evento.

Durante o cronograma do Intercâmbio de saberes os jovens podem conhecer o contraste de diferentes realidades da cidade, como visitas a locais e projetos sociais u de impacto socioambiental em Manaus, como o Igarapé do Gigante, onde é realizado o Programa de Revitalização Urbana Sustentável da Amazônia (Reusa), além de participar de palestras de ativismo, empreendedorismo e terceiro setor.

Amazônia – deu

Figura 21: Jovens de Tumbeira interagindo com intercambistas em atividades durante o Amazon Summer School em 2016



Fonte: Acervo FAS. 2016.

O Amazônia-Edu é uma plataforma focada em educação experiencial para desenvolvimento sustentável na Amazônia, onde são oferecidos cursos para pessoas e organizações através de trabalhos de campo, estudos de caso e troca de conhecimento entre comunidades tradicionais e especialistas. Todo o processo de aprendizagem é desenhado por uma equipe de facilitadores que também atuará no curso. Ao final, os interessados em criar e implantar projetos de solução para a região poderão desenhar uma proposta junto com a FAS.

Dentre os cursos oferecidos pela plataforma, dois deles conectam jovens e seus saberes e fazeres locais como parte do conteúdo programático, além de disponibilizar bolsas para a participação desses jovens para que possam realizar intercâmbios culturais e educacionais, como forma de olhar de maneira diferente para o seu local e desenvolver novas habilidades. Os cursos são:

Amazon Summer School

Em tradução, A Escola de Verão da Amazônia é um programa intensivo de 21 dias focado no desenvolvimento de capacidades para entender, refletir e agir no campo do desenvolvimento sustentável. Os participantes aprendem com líderes comunitários locais, praticantes de sustentabilidade, a floresta e uns com os outros, através de um processo de aprendizagem coletiva, o grupo construirá sua experiência em conjunto com base em objetivos, trabalhos e valores compartilhados.

Este programa se denomina “para pessoas que têm uma paixão pela mudança e querem aprofundar seus conhecimentos experienciais e teóricos de sustentabilidade, envolvimento da comunidade e colaboração”, segundo a equipe do Amazon Summer School.

São selecionados participantes de diferentes países, setores, origens, áreas de trabalho e áreas de estudo. Com uma necessidade de trazer diferentes visões de mundo e conhecimento prático para abordar a complexidade de nossas crescentes oportunidades e desafios.

O corpo docente contribui e auxilia para que algumas atividades envolvam as crianças da Escola Thomas Eugene LoveJoy, aonde é possível realizar visitas à escola pelos intercambistas e participação de aulas e atividades por parte do corpo discente e docente das atividades do intercâmbio. As atividades partem de necessidades da comunidade, com o intuito de usar um caso real para pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante o curso. Isso faz com que muitas das vezes a escola e o corpo discente esteja envolvido nas atividades.

Jornada Amazônia

A Jornada Amazônia faz parte da Amazônia-Edu, um projeto que compõe o Programa de Soluções Inovadoras da FAS. Basicamente é um curso para brasileiros que estão com vontade de viver uma experiência pessoalmente transformadora e estão com vontade de fazer algo para melhorar seu impacto no planeta. Apesar de ser realizado em um ambiente extremamente interessante

e cheio de beleza natural, a Jornada não tem a intenção de ser um passeio turístico, mas sim uma imersão na realidade local somado um processo de aprendizagem intencional.

A programação do curso é de 9 dias, totalizando 68 horas de atividades. A jornada se inicia em Manaus e depois segue para a comunidade Tumbeira na RDS do Rio Negro, em alojamentos coletivos ou estadia em casas de comunitários. O curso está dividido em 8 etapas que são: Sustentabilidade Global e Amazônia: Uma visão geral sobre a história global do desenvolvimento sustentável e como se relaciona com a história da Amazônia; O ambiente natural: Conexão com a floresta, seus elementos e sua complexidade; Contexto social: Construção de relações com as famílias que vivem na região, ao viver juntos atividades do dia a dia local; Estudos de caso: Atores da região amazônica compartilham conhecimentos e experiências de projetos desenvolvidos junto com comunidades; Olhar pra si: Momento de autorreflexão perante a vivência; Participação e ação: Participantes são convidados a se engajarem em desafios reais, desenvolvidos e apresentados pelas comunidades; Próximos passos: Reflexões sobre o aprendizado e como se relaciona com a prática de cada um; Prática amazônica: Oportunidade para os interessados em propor projetos dentro da sua área de atuação para a região Amazônica, com possível apoio da FAS. Análise das propostas e estudos de viabilização para implementação.

A Jornada Amazônia conta com quatro comunitários como facilitadores das atividades desenvolvidas na comunidade e um desses comunitários é uma jovem liderança da RDS Rio Negro, chamada OR, ela junto com o coletivo jovem local vai liderar o grupo para colaborar com desafios comunitários em direção aos ODS. Em 2016 a OR participava como bolsista no Amazon Summer School e hoje ela já é uma das facilitadoras da Jornada Amazônia, o que inspira outros jovens a serem lideranças de suas comunidades e trazer para si a responsabilidade de ser parte da mudança que quer para a sua localidade.

Pró – espécies

Figura 22: – Jovens do projeto pró – espécies em 2016



Fonte: Acervo FAS, 2016.

O projeto Pro-Espécies foi apresentado na RDS Rio Negro dia 16 de julho de 2016, na comunidade Terra Preta, com objetivo de implementar um monitoramento de espécies que será feito por discentes junto com os docentes. A ideia inicial é realizar um projeto piloto em duas comunidades, Terra Preta e Saracá, ambas pertencentes a região que compreende o município de Manacapuru, polo 2 da reserva. Nos anos seguintes foi implementado em outras comunidades da RDS.

O projeto foi realizado em três etapas, iniciando com a seleção dos discentes para serem capacitados como monitores ambientais, já na segunda etapa foram aplicados questionários nas comunidades, a terceira deu início a implementação do monitoramento, acompanhada de verificação de dados.

É bem motivador ver tanta gente interessada em proteger os animais. Há um grupo de trabalho com participantes da FAS, SEMA, Fundação Biodiversitas, INPA, ICMBio e Universidade de East Anglia que tem debatido o tema de conservação e manejo de espécies ameaçadas da fauna e da flora para trabalhar em conjunto com a comunidade. (Maiara Gonçalves, analista de projetos técnicos em 2016).

A apresentação do projeto foi feita por meio de uma oficina, introduzida pelo ator e conselheiro da FAS, Victor Fasano, com o intuito de que a comunidade pudesse conhecer melhor o projeto. Os responsáveis pela iniciativa puderam verificar a visão dos moradores em relação as espécies que estavam e que poderiam vir a ficar ameaçadas de extinção na época.

Empreendedorismo Ribeirinho

Figura 23: Oficina de turismo envolvendo jovens que tinham começado a trabalhar em empreendimentos turísticos na RDS Rio Negro e 2017



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Com a finalidade de fornecer um conjunto de soluções para auxiliar os empreendedores das Unidades de Conservação, apoiadas pela FAS, no desenvolvimento de seus negócios, a Incubadora de Negócios Sustentáveis da FAS oferece aos empreendimentos ribeirinhos a possibilidade de estruturação do projeto de inovação. A incubadora utiliza um ciclo de qualificação de três a cinco anos alinhados a metodologia Cerne, do Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos, com início das atividades em 2014.

O projeto foi inaugurado para atender 20 municípios, distribuídas em nove Unidades de Conservação (UCs), com cerca de cinco mil pessoas atendidas. Ocorreu na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, RDS Rio Negro, no dia 04 de setembro de 2014, em parceria entre FAS e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-AM). Teve o intuito de atender as demandas das principais dificuldades enfrentadas pelas cadeias produtivas prioritárias nas comunidades atendidas pela FAS.

O objetivo da parceria visa atender e aproveitar as oportunidades, ter novas alternativas de renda e produzir mais com qualidade os negócios sociais e produtivos realizados nas comunidades atendidas pelo Bolsa Floresta com formação e orientação aos empreendimentos que já estejam no mercado ou em empreendimentos futuros dentro das UCs.

O projeto foi aplicado inicialmente em 20 municípios, distribuídos em nove Unidades de Conservação, entre 15 cadeias produtivas, como a farinha, o açaí, os óleos vegetais e o turismo, por exemplo. Foram cerca de cinco mil pessoas atendidas com sugestões de 45 cursos de capacitação.

Quanto aos jovens das comunidades, se percebeu que ao longo dos anos muitos passaram a apoiar os pais no negócio e por isso o projeto passou a atendê-los também, principalmente em casos como o turismo de base comunitária, aonde alguns empreendimentos mostravam-se em estado de falência e algumas comunidades em estado de abandono, devido à falta de acesso justo ao mercado, crédito disponível e inadimplência. A equipe do projeto Empreendedorismo Ribeirinho percebeu que apenas os jovens poderiam mudar essa realidade, desde que tivessem o interesse em se capacitar, apoiar os pais empreendedores e reerguer junto a família os negócios. Alguns jovens começaram a apoiar as atividades do turismo, procurando formação na área, ajudando nas reservas e gestão do negócio.

No primeiro semestre de 2018 um pequeno projeto dentro do Empreendedorismo Ribeirinho teve a iniciativa de formar agentes de viagem da RDS Rio Negro, todos jovens que já trabalhavam apoiando o turismo nas comunidades que já desenvolviam trabalho, no entanto o projeto não teve continuidade.

3.3. Propor uma cartilha sobre a Educação em Turismo para a Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy

O último objetivo desta pesquisa tem como proposta apresentar uma cartilha que visa contribuir para a educação em turismo nas escolas ribeirinhas. A cartilha inicialmente delinea referências a respeito do tema e também apresenta alguns dos resultados levantados durante a pesquisa de campo na escola, locus da pesquisa, além de dar início a propostas para a adoção do turismo, como importante fonte para a educação não formal, além de sugerir a

construção de um plano aula letivo, apoiado na educação não formal. A cartilha encontra-se completa no apêndice desse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou estudar como a Educação em Turismo, promovida na Escola Thomas Eugene LoveJoy contribui para a formação dos discentes do ensino médio. O estudo de caso acontece em uma comunidade chamada Tumbira, localizada no Iranduba, um município do interior do Amazonas, nos limites de Unidades de Conservação inseridas no Mosaico de Áreas Protegidas do Baixo Rio Negro.

A Escola foi escolhida devido os projetos e iniciativas trabalhados pelo corpo docente e outras instituições na comunidade em que se encontra. Isso porquê, a partir de 2008 uma região de 102.978,83 hectares, que compreende os municípios de Iranduba, Manacupuru e Novo Airão no estado do Amazonas passam a pertencer a uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

Sendo assim, desde 2008 essas comunidades passaram por um processo de mudança em suas atividades econômicas e relações com a floresta que também compreende o território de suas casas. E a partir desse momento, instituições do terceiro setor, o próprio governo e os comunitários dessa região, passam a realizar e participar de diversos programas, projetos e iniciativas que cooperem para que a conservação dessa biodiversidade aconteça de fato, tão quanto, o desenvolvimento local.

É dessa forma, que surgem alguns dos projetos para viabilizar a educação nessas comunidades, como uma importante ferramenta de mudança na conservação da natureza e no desenvolvimento local. Como apontam alguns dos projetos e iniciativas abordados nessa pesquisa, como o Núcleo de Unidade de Conservação da FAS, o projeto Jovens Protagonistas do DEMUC e da SEMA, o Ensino por Mediação Tecnológica da SEDUC, entre outros que foram levantados e investigados.

E em um outro momento, após a pesquisadora entender o contexto sócio-econômico de Tumbira e investigar a respeito dos projetos e iniciativas propostos na escola, a mesma buscou relacionar o que já havia sido levantado com o referencial teórico existente a respeito de Educação em Turismo, com a finalidade de provar que se o Turismo for pensado como um meio importante para uma educação não formal nas escolas, ele pode contribuir para a formação de jovens cidadãos mais conscientes, principalmente em locais aonde Turismo é uma das principais fontes de renda. Isso porque se aprendendo a respeito das outras abordagens do turismo, além da puramente econômica, é possível retirar maior proveito do Turismo em si.

Por isso, antes de qualquer proposta, a pesquisadora apresenta um quadro abaixo a respeito das diferentes abordagens da Educação em Turismo e em seguida relaciona com os tipos de educação.

Figura 24: Abordagens de Educação em Turismo

ESTUDO DE TURISMO PROPRIAMENTE DITO	TURISMO COMO APLICAÇÃO	TREINAMENTO VOCACIONAL PARA O TURISMO
<ul style="list-style-type: none"> - "O Turismo é um campo de estudo e tem valor no envolvimento acadêmico por si mesmo"; - "Tal abordagem é interdisciplinar por natureza e pode trazer outras disciplinas relacionadas, como a geografia e economia, enquanto retêm o turismo como essência de enfoque". 	<ul style="list-style-type: none"> - " O uso do turismo para ilustrar a aplicação de outra disciplina, clareando assim conceitos da estrutura da disciplina tradicional. [...]. Como em turismo e meio ambiente, aonde se toma conhecimento a respeito dos impactos negativos do turismo ao meio ambiente". 	<ul style="list-style-type: none"> - "São cursos promovidos para as pessoas trabalharem no mercado/ indústria do turismo. Que possui como meta desenvolver uma habilidade específica", como condutores, guias, agentes de viagens, cozinheiros, camareiras, entre outras".

Fonte: Acervo próprio, 2018.

Na primeira abordagem se tem o Turismo como campo de estudo, onde a importância está na produção de conhecimento a respeito do próprio turismo. Aqui ele está diretamente relacionado ao tipo de educação formal, que é aquela adotada por escolas e universidades, isto é, por instituições de ensino que são física e administrativamente organizadas de acordo com requisitos legais. Estas entidades cumprem um programa que envolve avaliações de aprendizagem entre os períodos letivos, que fornecem graus e diplomas. Esse caso não acontece diretamente na Escola Thomas Eugene LoveJoy, porém alguns dos

jovens que se formaram durante os anos que a pesquisa foi realizada, buscaram se aprofundar no turismo como carreira.

Já na segunda abordagem, o Turismo como aplicação, seu uso se dá de forma a explicar situações em outras disciplinas, como na administração de empreendimentos turísticos ou ainda os impactos produzidos no ambiente por conta do turismo. Nesta situação a abordagem se relaciona com a educação formal e também não formal - que tem como princípio proporcionar a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços não convencionais, como museus, parques, roças ou outras comunidades, por exemplo, desde que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido -.

Na terceira e última abordagem de Educação em Turismo se tem a proposta vocacional, que é aquela voltada para a capacitação de mão de obra no setor do turismo. Na pesquisa foi apontado um exemplo, o Empreendedorismo Ribeirinho, que busca capacitar mão de obra para a gestão e prestação de serviços em empreendimentos comunitários ou familiares em comunidades como Tumbira. Essa abordagem está diretamente relacionada com o tipo de educação formal, mas pode e deve se apoiar na educação informal.

De tal modo, verificou-se que a verdadeira aprendizagem se dá quando o aluno (re)constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade. Pode-se dizer que as atividades em educação não formal, tão quanto as viagens, são umas das melhores formas utilizadas para um aprendizado significativo, principalmente porque relaciona os componentes curriculares, com a realidade, os saberes e fazeres e a prática propriamente dita.

Ratifica-se que a educação não formal em hipótese alguma substitui ou compete com a educação formal. Porém, a mesma poderá ajudar na complementação dessa última, via programações específicas, articulando a escola e a comunidade, como no exemplo a seguir:

Figura 25: Diagrama de Venn a respeito da relação Educação e Turismo na Escola Thomas Eugene LoveJoy.



Fonte: Acervo próprio, 2018.

A pesquisadora propõe como modelo para a elaboração de atividades em Educação em Turismo na escola o diagrama acima, que relaciona três importantes seções da educação com o turismo, são elas: a matriz curricular da escola, a realidade da comunidade e as segmentações turísticas relacionadas a educação em algum nível. Por exemplo:

Os componentes curriculares Química, História e Sociologia podem juntos se relacionar com a atividade econômica da produção de artesanato local na comunidade do Tumbira, de forma que se estude o contexto histórico e social da relação dos autóctones e o artesanato produzido em um primeiro momento e em seguida, investigar as matérias primas utilizadas para os tingimentos naturais das peças de artesanato na comunidade.

Dessa maneira o discente passa a ver a aplicação do que aprende em sua escola na realidade de sua comunidade e ainda consegue relacionar áreas do conhecimento diferentes em um mesmo contexto.

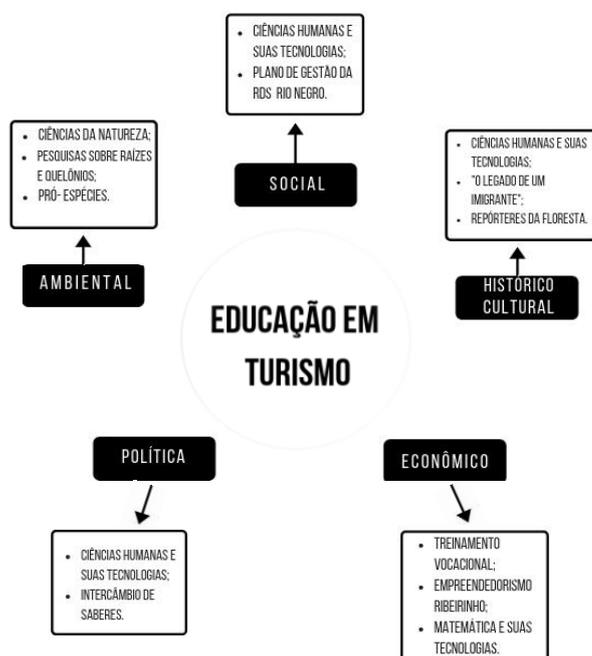
Sobre as segmentações turísticas que se relacionam com a educação, neste pode-se destacar o Turismo Pedagógico e o Turismo Cultural e se apoiar em procedimentos metodológicos, como por exemplo: visitas de campo, pesquisa ação, oficinas, pesquisa documental.

O mesmo pode ser feito com os projetos e iniciativas que já existem na escola, locus da pesquisa, basta fazer um caminho contrário. Primeiro faz-se um levantamento das atividades, podendo se apoiar nessa pesquisa por exemplo, em seguida avaliar a importância daquele projeto ou iniciativa para aqueles discentes e se possível avaliar o impacto que tiveram sob a vida desses discentes. Em um terceiro passo seria verificado a relação com os componentes curriculares da matriz utilizada na escola e para refinar ainda mais o processo

seriam pesquisados e avaliados aqueles procedimentos metodológicos que melhor se adequassem aos projetos e também contribuíssem para o aprendizado dos discentes.

Em um outro momento, a pesquisadora se apoiou no modelo de criação em conhecimento em turismo de Tribe e também no sistema turístico de Beni para identificar as áreas de relação com o Turismo que seriam importantes para colaborar com a facilitação de um pensamento crítico sobre a atividade turística em seu território. A partir disso, foram definidas então a área ambiental, a social, a histórico-cultural, a econômica e a política, como possíveis áreas para um desdobramento em uma cartilha de Educação em Turismo com uma proposta mais elaborada, para a formatação de atividades na escola. A partir disso, a pesquisadora apresenta o diagrama a seguir:

Figura 26: Diagrama de áreas em relação com o turismo



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Onde foram relacionadas as áreas com os componentes curricular e também os projetos e iniciativas já levantados. Caberia a partir disso, convidar o corpo docente, as outras instituições responsáveis - por projetos e iniciativas na escola - e os discentes, para produzir de maneira colaborativa um plano letivo único, que envolvesse todos esses projetos e iniciativas, de forma a avaliar e dar ênfase aos projetos com resultados positivos, dar *feedbacks* àqueles que não

alcançaram o objetivo e juntos definir como projetos e atores envolvidos podem tornar o planejamento e o alcance dos objetivos para uma educação cidadã mais efetiva para os discentes.

Além desses recursos apresentados, a pesquisadora identificou que para atingir uma educação em turismo de qualidade, seria necessário também que os docentes da escola possuíssem um programa ou um projeto voltado para sua educação. Com a intenção de atualizá-los quanto novas propostas pedagógicas, novos modelos educacionais, especializações em outras áreas de interesse que fossem complementares ao ofício do docente e também do comunitário que é, em especializações em: gestão ambiental, gestão de negócios, gestão de projetos, hotelaria e turismo, entre outros que se apresentasse interesse e viessem contribuir para a educação como um todo, além da educação em turismo, com a finalidade de desenvolver pessoas para desenvolver o local.

A pesquisadora conclui que a educação, não apenas em turismo, existente na escola, locus da pesquisa, pode ser considerada de qualidade e que atende de maneira positiva as dificuldades que os jovens daquela região possuem para concluir o ensino médio. O modelo inclusive pode ser considerado um caso de sucesso e deveria ser espelho para o modelo público e privado da educação no estado do Amazonas, mesmo que ainda necessite de melhoras como já foi abordado aqui e também possua investimentos e interesses de terceiros nos projetos e iniciativas que apresente.

Os docentes e a maioria dos discentes entrevistados durante a pesquisa, afirmam que por conta da diversidade de projetos e iniciativas existentes na escola, os discentes mostram-se mais preparados para discussões referentes a conservação ambiental, em expor suas ideias, em participar de programas educacionais e vocacionais em âmbitos nacionais e internacionais e até mesmo se tornarem parte de equipes, como profissionais, que deram continuidade a muitos projetos citados nessa pesquisa, como é o caso da Odenilze Ramos, entrevista e citada no capítulo 2.

Para os pesquisadores que se identificam com a temática Educação em Turismo, a pesquisadora espera poder contribuir com este estudo de caso, de forma que outras pesquisas e cartilhas venham contribuir para a educação em

escolas ribeirinhas e outras regiões, aonde o turismo é uma importante fonte de renda alternativa. Além, de incentivar acadêmicos do curso de turismo a falar sobre temáticas aonde geralmente há uma certa dificuldade em se tratar, já que a produção sobre o Turismo como campo de estudo - principalmente no Brasil - ainda é pequena.

Por fim, a pesquisadora deixa registrado seu interesse em se aprofundar na temática Educação em Turismo - em seus próximos passos na vida acadêmica - de forma a contribuir para as comunidades tradicionais da Amazônia que trabalham com o turismo e também para com a academia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 77, p. 53-61, maio, 1991.
- BENI, Mário. **Análise estrutural do turismo.** São Paulo: SENAC, 1998.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais.** Brasília, Ministério do Turismo, 2006.
- Calendário escolar. 2018. Disponível em: <<http://www.educacao.am.gov.br/wp-content/uploads/2018/uploads/03/calendario-escolar-A4.pdf>>. Acesso em: 05 de jul. 2018.
- CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1995.
- COOPER, Chris. **Turismo: Princípios e Prática.** Tradução Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.
- CUNHA, M. C. S. et al. **Turismo Educacional: que viagem é essa?** Trabalho acadêmico curso de Turismo, Centro Universitário Ibero-Americano, São Paulo/SP, 2002.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de pesquisa em Turismo.** São Paulo: Futura, 1998.
- FAS. **Repórteres da floresta.** Disponível em: <<http://fas-amazonas.org/2016/08/reporteres-da-floresta-pro-especies-incentiva-jovens-a-identificar-fauna-e-flora-ameacadas-no-rio-negro/>>. Acesso em 20 jul. 2018.
- FAZENDA, I. C. A. **Integração e a Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** s/n e: São Paulo: Loyola, 1979.
- FONSECA FILHO, A. da S. **EDUCAÇÃO e TURISMO – Reflexões para a elaboração para de uma Educação Turística.** In: Revista Brasileira de Turismo, Brasil, v.1, n.1, p. 5 – 33, 2007.
- FRAGMAQ. **O que é resíduo sólido.** Disponível em: <<https://www.fragmaq.com.br/blog/sao-residuos-solidos/>>. Acesso em 26 mai 2019.
- Fundação Getúlio Vargas. **Áreas do conhecimento.** Disponível em: <<https://ensinomediodigital.fgv.br/areas-conhecimento>>. Acesso em:15 mar. 2019.
- Instituto Socioambiental. **SISUC.** <https://blogdosisuc.socioambiental.org/sobre-o-sisuc.html>. Acesso em 02 de jan. 2019.
- Instituto socioambiental. **RDS do Rio Negro.** Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/uc/5522>>. Acesso em: 22 de out. 2017
- JESUS, Edilza. Laray. de; COSTA, L. G.; PINTO, M. E. F. . **Elaboração de proposta de educação do campo em áreas protegidas no Amazonas: Relato de Experiência.** IN: III Congresso Nacional de Educação, 2016. Natal. Anais III CONEDU 2016. PARAÍBA: Editora da UFPB, 2016. v.3.

Lima, Francielle . **Incursões reflexivas sobre o conceito de turismo e a qualificação “pedagógico” no binômio “turismo pedagógico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2014.

Manhães, Bruno. **Questão de educação: como o Turismo ensina?**. Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica. Vol. VI, nº 1, Rio de Janeiro, MAR. 2011.

MICHEL, Maria Helena: **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MORIN, Edgar. **Los siete saberes necesarios a la educación del futuro**. Trad. Nelson Vallejo-Gomez.

OLIVEIRA, RAYANE. **Turismo Pedagógico: aprendizagem significativa na educação não formal em escola/ONG, Manaus/AM**. Trabalho de conclusão de curso. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO — OMT. **Código Ético Mundial para el Turismo**.

Q-EDU. **EE Thomas Eugene Lovejoy**. Disponível em:
<<http://www.qedu.org.br/escola/7427-ee-thomas-eugene-lovejoy/sobre>>.
Acesso em: 16 de mar. 2018.

ROLAND, Fernando Jorge. **Viajeros ilustrados**. El Gran Tour, el Siglo XVIII y el mundo catalogado. Disponível em:
<www.edhistorica.com/pdfs/VIAJEROS_Ilustrados_y_Romanticos_siglo_XVIII_XIX_.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2008.

SALGUEIRO, Valéria. **Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura**. Disponível em:
<www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2008.
SEBRAE. **O QUE FAZEMOS**. Disponível em:
<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/o_que_fazemos>. Acesso em 28 dez. 2018.

SEDUC. **Centro de mídias de educação do Amazonas**. Disponível em:
<<http://www.educacao.am.gov.br/centro-de-midias-de-educacao-do-amazonas/>>. Acesso em: 08 de fev. 2018

SIGNIFICADOS.**ENEM**. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/enem/>>. Acesso em 12 jan. 2019.

THOMÁZ, Ricardo. **Turismo religioso o peregrinación. Hospitalidad por los caminos de Santiago de Compostela** — España. Disponível em:
<www.unoeste.br/site/cursos/32/documentos/TURISMORELIGIOSOOPEREGRINACION.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - CARTILHA SOBRE A EDUCAÇÃO EM TURISMO PARA A ESCOLA ESTADUAL THOMAS EUGENE LOVEJOY



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO, 1

2. TUMBIRA, 2

2.1 – CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO-CONÔMICO, 2 - 3

2.2 – ESCOLA ESTADUAL THOMAS EUGENE LOVEJOY, 4 - 5

3. O QUE É EDUCAÇÃO EM TURISMO?, X

3.1 – PROJETOS E ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM TURISMO
REALIZADOS NA ESCOLA THOMAS EUGENÉ LOVEJOY, X

4. O QUE SE PODE FAZER?, X

4.1 – COMO RELACIONAR O TURISMO COM A PROPOSTA
CURRICULAR DA ESCOLA?, X

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS, X

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa resulta de um trabalho realizado inicialmente como uma iniciação científica, na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy de Tumbira, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro (RDS Rio Negro), no Amazonas. A RDS Rio Negro faz parte do mosaico de áreas protegidas do baixo Rio Negro, onde a situação da educação de várias comunidades e escolas apresentam semelhanças como a de Tumbira. A escola, foi escolhida por ofertar múltiplas iniciativas e projetos pensados para a realidade dos seus discentes, como uma forma de acessibilizar e atender a demanda por uma educação de qualidade para jovens ribeirinhos, moradores de uma unidade de conservação.

A Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy revelou-se um objeto privilegiado de pesquisa, uma vez que a filosofia da escola busca seguir o que prescreve a Pedagogia da Alternância, ainda que conte com um importante aparato na gestão, em investimentos, em capacitações para o corpo docente, oportunidades para os discentes, entre outros - que serão descritos nessa pesquisa - por parte do governo do estado do Amazonas e de instituições não governamentais do terceiro setor.

Uma vez que a realidade sobre a educação básica no interior do estado do Amazonas apresenta baixos índices de alfabetizados e concluintes do Ensino Médio, por fatores como a oferta do Ensino Médio, a existência da própria escola, a falta de mão de obra qualificada para o corpo docente ou de insumos alimentícios e até mesmo a época de vazante dos rios dificultam os jovens e crianças do interior do estado em formação, a compreender a razão de muitos de seus problemas, sendo cidadãos mais conscientes, além de limitá-los na participação dos processos de busca por soluções para o desenvolvimento local.

Tumbira é uma comunidade que se destaca na atividade do Turismo, principalmente nas segmentações do ecoturismo, turismo pedagógico e turismo científico. O início dessa atividade na região ocorre em um momento posterior a criação da RDS, justamente pelas mudanças que esses acontecimentos tiveram sobre as atividades do dia a dia e econômicas legalmente permitidas de serem realizadas na região.

Diante disso, a cartilha vem com a proposta inicial de apresentar um possível modelo a ser seguido por outros turismólogos e docentes de escolas ribeirinhas que trabalham o turismo como atividade econômica, de forma que sejam portadores do conhecimento necessário para compreender os aspectos positivos e negativos do Turismo e que sejam sujeitos que possam, de modo individual e coletivo, exercer o protagonismo em suas comunidades⁷ e a partir disto serem transformadores do seu espaço, atingindo crianças e jovens por meio da educação.

2. TUMBIRA

2.1. CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO – ECONÔMICO

A Comunidade do Tumbira, a 64 km de Manaus, está localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Rio Negro, criada em 2008), e integra o mosaico de Unidades de Conservação do baixo Rio Negro. Uma RDS é uma modalidade de Unidade de Conservação de uso sustentável que abriga populações tradicionais e a sua existência se justifica pela "existência de sistemas sustentáveis de utilização dos recursos naturais desenvolvido ao longo de gerações e adaptados ecológicas locais e específicas, de forma a exercer o papel de conservação da natureza e manutenção da diversidade biológica" (AMAZONAS, 2017, apud SEMA/IDESAM/FAS.)

A comunidade do Tumbira está localizada no município de Iranduba e é uma das 19 comundiades a integrar o Corredor Ecologico Central e o Mosaico de Areas Protegidas do Baixo Rio Negro. Pela proximidade de Manaus, muitas influências urbanas são percebidas na comunidade, uma delas é a atividade turística, praticada há oito anos.



Fig 1 – Mapa de localização da comunidade do Tumbira e Reserva de Desenvolvimento Sustentável Rio Negro, 2018.

No intuito de qualificar o atendimento aos visitantes, várias instituições como o Sebrae, a Amazonastur e a Fundação Amazonas Sustentável (FAS) ofereceram cursos de formação em gestão e prestação de serviços no turismo para jovens e adultos, na faixa etária entre 18 e 40 anos de idade, por meio da educação não formal.

Os jovens que participam desses cursos geralmente são filhos dos empresários do turismo na comunidade e também alunos da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy. Aprendem, portanto por meio da educação não formal e da educação formal.

Como acadêmica de turismo e formadora de gestão e prestação de serviços no turismo na comunidade supracitada, importa conhecer se a Escola Básica incorpora ou não a dinâmica comunitária. Se articula os conhecimentos científicos ao mundo vivido; se forma para o exercício consciente e transformador da realidade.

A importância acadêmica e social da pesquisa está em verificar como a educação em turismo vem sendo trabalhada na educação básica.



Fig 2 – Roberto Brito, empreendedor do turismo na comunidade Tumbira. Acervo: Folha de São Paulo, 2011.



Fig 3 – Trilha na comunidade Tumbira. Acervo: Medium Corporation, 2018.



Fig 4 – Culinária na comunidade Tumbira. Acervo: Laís Garrido, 2016.



Fig 5 – Artesã da comunidade Tumbira. Acervo: FAS, 2016.

2.2 ESCOLA ESTADUAL THOMAS EUGENE LOVEJOY

O Núcleo de Conservação e Sustentabilidade Agnello Uchôa Bittencourt (inaugurado em 2010) implementado na comunidade de Tumbira, foi o primeiro a ser construído pela FAS em parceria com o Governo do Estado do Amazonas, com intuito de viabilizar o acesso ao Ensino Médio e também à Educação de Jovens e Adultos (EJA) na comunidade e no seu entorno.

Existem outras 8 infraestruturas como a do Núcleo Agnello Uchôa Bittencourt e em outras áreas protegidas do interior do Amazonas sob iniciativa e gestão da FAS. Cada um deles conta com uma escola estadual, um laboratório multiuso, um laboratório digital, um auditório, um alojamento de alunos, uma casa do professor, uma base da FAS para atividades de campo e também um centro vocacional para o desenvolvimento sustentável, um refeitório e uma cozinha.

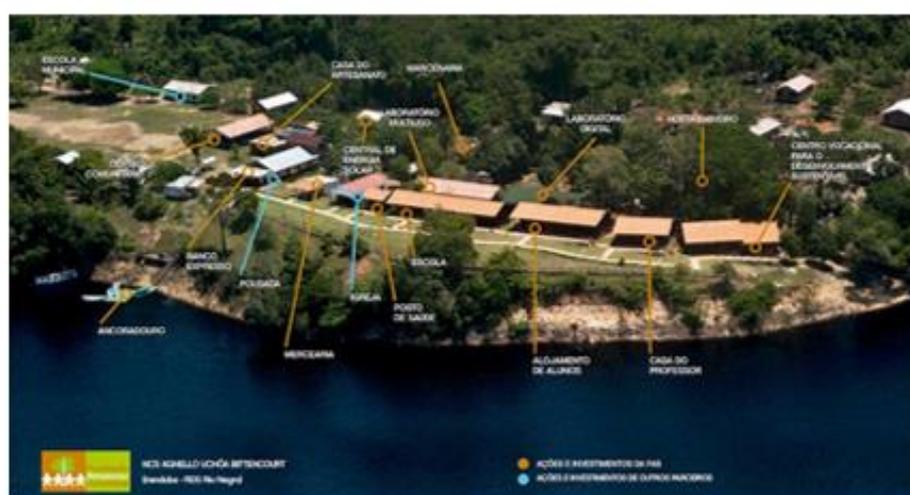


Fig 6 – Núcleo Agnello Uchôa Bittencourt. Acervo site FAS.

O Núcleo não só passa a promover níveis de ensino que antes só existiam em Manaus ou nos municípios vizinhos - como Iranduba, Novo Airão e Manacapuru- como também insere uma proposta pedagógica baseada na matriz curricular e conhecimentos tradicionais locais. Apoiando-se assim na pedagogia da alternância, entre outras ferramentas e métodos de ensino que ajudam jovens e adultos da comunidade observarem para o lugar de moradia como local de pertencimento, por meio da escola.

2.2 ESCOLA ESTADUAL THOMAS EUGENE LOVEJOY

A Escola Thomas Eugene LoveJoy faz parte do complexo do Núcleo de Conservação e Sustentabilidade e é o verdadeiro foco para a existência do núcleo, isso porque seu projeto prega a educação como o fator principal para mudança de *mindset* e comportamento, voltados e adaptados para a sustentabilidade.

A escola recebe o nome de um importante biólogo e renomado cientista em pesquisas relacionadas a Amazônia, Thomas Eugene LoveJoy, que durante as visitas à comunidade a acadêmica teve oportunidade de conhecê-lo.

Conta com três etapas de ensino, sendo elas: o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (supletivo) e com um total de 70 funcionários e 32 jovens matriculados no Ensino Médio (EM), que se subdividem em: 11 discentes no primeiro ano do EM, 12 do segundo ano do EM e 9 discentes no 3º ano do EM.

Algumas das ferramentas de aprendizagem são os projetos extraclasse promovidos pelo corpo docente e também por outras instituições que atuam na comunidade, com o intuito de promover a educação e gestão ambiental da comunidade na RDS Rio Negro. Ainda há outra ferramenta muito importante, o Ensino por mediação tecnológica, uma iniciativa do Governo do estado do Amazonas para levar educação a lugares de difícil acesso, como comunidades ribeirinhas, indígenas e alguns municípios.

Essa ferramenta é ofertada para o ensino médio e o ensino fundamental e apesar do conteúdo ser por mediação tecnológica, há necessidade dos discentes estarem em sala de aula em horário de aula, acompanhados por um docente da escola e na maioria das vezes da própria comunidade. A estrutura curricular está baseada nos princípios de contextualização e interdisciplinaridade, vinculando os temas ao mundo do trabalho e da prática social.

Os conteúdos pedagógicos ministrados são: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias.



Fig 7 - Ensino por mediação tecnológica. Acervo Secretaria de Estado de Educação, 2008.

3. O QUE É EDUCAÇÃO EM TURISMO?

A educação, geralmente, prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida. Nesse sentido, faz-se necessário uma educação, ao longo da vida, a fim de dar suporte aos vários aspectos sejam eles, econômicos, sociais, científicos e tecnológicos, impostos por um mundo globalizado. Assim é no contexto Educação em Turismo.

A Educação em Turismo é o conjunto das três abordagens existentes que relacionam o turismo com qualquer ato educativo, são elas:

Pesquisa: Trata-se do Estudo do Turismo propriamente dito. Aonde o Turismo é entendido como campo de estudo. Aonde vários estudiosos da área defendem diferentes modelos de produção de conhecimento, como o multidisciplinar ou o transdisciplinar.

Aplicação: Também conhecida como a vertente tradicional Cooper (2001) traduz que essa vertente “[...] usa o Turismo para ilustrar a aplicação de outra disciplina, clareando assim conceitos da estrutura da disciplina tradicional [...]. Como em turismo e meio ambiente, aonde se toma conhecimento a respeito dos impactos negativos do turismo ao meio ambiente”.

Vocacional: É o treinamento oferecido ao estudante com a finalidade de educá-lo para assumir uma posição na indústria. São cursos em turismo para desenvolver uma habilidade específica, como por exemplo agente de viagens ou ainda guia de turismo.

Essas duas abordagens estão relacionadas com as três formas XXX da educação. A educação formal, educação não formal.

Formal: É aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Não formal: Assim, a educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido.

3.1. PROJETOS E ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM TURISMO REALIZADOS NA ESCOLA THOMAS EUGENE LOVEJOY

Os projetos e iniciativas relacionados a Educação em Turismo na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy se dividem em duas formas, aqueles propostos pelo corpo docente da escola e os propostos pela FAS e o DEMUC. A seguir todos aqueles projetos e iniciativas que foram investigados durante a pesquisa serão detalhados quanto a natureza de sua iniciativa, tempo de duração, como se deu a participação do corpo docente e discente da escola objeto de estudo, quais métodos de ensino foram utilizados, qual a relação entre a matriz curricular da escola com o turismo em si, qual a relação com os saberes e fazeres tradicionais da comunidade e também as experiências dos atores envolvidos.

Projetos e iniciativas do corpo docente da Escola Thomas Eugene LoveJoy

Por meio de uma entrevista semiestruturada, com critérios já apresentados no parágrafo anterior, foi possível aplicar e levantar dados com OR, discente da escola e com VG, docente da escola, a respeito dos projetos e iniciativas propostos pelo corpo docente da Eugene LoveJoy. Entre eles selecionamos três projetos realizados pelo corpo docente.

Recicle Suas Ideias



Fig. 8 Alunos da Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy durante projeto Recicle Suas Ideias. Fonte: Acervo FAZ. 2016.

O projeto visava que os discentes trouxessem resíduos sólidos (qualquer matéria sólida ou semissólida que é produzida e /ou descartada pelo homem e pela natureza, tais como: embalagens, produtos eletrônicos, galhos, folhas de árvores, entre muitos outros itens. Segundo FRAGMAQ, 2015, p.1) de suas comunidades para a escola, *lócus* da pesquisa, e separassem as diversas embalagens recicláveis para que pudessem dar a destinação correta para aqueles resíduos. O projeto durou entre os anos de 2012 a 2016.

O Recicle suas Ideias foi implementado pela Inês Alencar, uma docente da escola, responsável por acompanhar e orientar os discentes ao longo dos anos sobre o projeto em Tumbeira. Mesmo com uma docente a frente o projeto, a campanha em relação ao lixo nas comunidades partiu da FAS.

Perguntado a OR, discente que colaborou para com esta pesquisa nos anos de 2016 a 2019, sobre como se deu a participação do corpo docente e discente, ela afirma:

"A Inês lançou um desafio e todos os alunos participavam com os professores de cada sala de aula. Funcionava como uma gincana aonde os alunos coletavam resíduos recicláveis e que não tinham condições de serem descartados na comunidade".

Já em relação aos métodos de ensino que foram utilizados, constatou-se que foram utilizados: gincanas, apresentações e pequenas palestras. Quanto a relação matriz curricular percebeu-se uma relação com os componentes curriculares de Química e Biologia. OR disse que não enxergou nenhuma relação entre o projeto e os saberes e fazeres tradicionais com a comunidade, apenas que: "antes do projeto as pessoas achavam que queimar ou enterrar o lixo seria a melhor destinação que poderia haver para ele".

Segundo a FAS (site FAS, 2019):

Desde o início do projeto, em 2012, já foram enviadas mais de 17.820 embalagens de salgados de milho, margarina, perfumes, loções, canetas, embalagens de suco em pó etc. Somente no NCS Abelha, localizado na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Juma, foram coletados mais de 30 kg de embalagens reaproveitáveis em 2014. Além disso, outros 33kg de pilhas foram coletados e regressaram para Manaus, onde receberam destinação correta pelo projeto.

Recicle Suas Ideias



Fig. 9 – Grupo ColetivAção. Acervo Odenilze Ramos. 2018.



Fig. 10 – Atividade do Grupo ColetivAção. Acervo Odenilze Ramos. 2018.

Segundo a discente OR, em 2017 começou um projeto em Tumbeira chamado ColetivAção, que envolvia os discentes da escola, lócus da pesquisa, das comunidades Santa Helena do Inglês, Saracá, Camará, Carão e Tumbeira para serem um grupo social de jovens com voz ativa para temáticas importantes para a sociedade e principalmente para a realidade das comunidades citadas.

O ColetivAção é composto por 16 discentes da Eugene Love Joy, do ensino médio e também ensino fundamental. Temas como resíduos sólidos, igualdade de gênero e os Objetivos do Desenvolvido Sustentável para 2030 foram algumas das temáticas desenvolvidas. O projeto começou por iniciativa da FAS e hoje, em 2019, já é gestado pelos próprios jovens que participaram desde o início.

Alguns dos métodos utilizados pela FAS no início e que permanecem até hoje com o grupo de jovens para a facilitação e discussão de diversas temáticas

nas comunidades são as palestras, os trabalhos em grupo e outras atividades práticas, como alguns eventos.

História das Comunidades



Fig. 11 – Seu Garrido e amigo em estaleiro em Tumbira. Acervo Dona Vera, 2016.

O projeto História das Comunidades aconteceu nos anos de 2014 e 2016, como parte das atividades propostas em sala de aula pelos docentes da escola, lócus da pesquisa. Duas das docentes que estavam a frente do projeto eram a professora Izolena Garrido e a professora Vera Garrido, ambas irmãs e importantes peças para a construção da história das comunidades.

As comunidades envolvidas nas pesquisas, foram Santa Helena do Inglês, Saracá, Camará, Carão e Tumbira, justamente por ser o local de origem dos discentes da escola. Foi a partir de pesquisas realizadas com as famílias dos discentes, nas comunidades em que moravam e também a partir da apresentação de seminários expositivos e a formatação de um livro não publicado com a união de todas essas histórias sobre a origem das comunidades da região.

Segundo Vera Garrido, os discentes perceberam uma forte aproximação dos componentes curriculares: História, Geografia e Literatura. Além de perceberem que apenas os moradores mais antigos das comunidades eram capazes de contar as histórias e fornecer provas, como fotografias, documentos de registro da comunidade, entre outros tornou o processo desse projeto emponderador para muitos desses jovens, que desconheciam sua própria história.

Projeto do Departamento de Mudanças Climáticas e Gestão de Unidades de Conservação (DEMUC)

Jovens Protagonistas da RDS Rio Negro

O programa é uma iniciativa do Departamento de Mudanças Climáticas e Unidades de Conservação da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (DEMUC/SEMA), com financiamento do programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA). O "Programa de capacitação de jovens lideranças multiplicadoras em Unidades de Conservação estaduais: Jovens Protagonistas na RDS Rio Negro – Verde Perto Educação" teve por objetivo promover o fortalecimento comunitário, com a intenção de multiplicar conhecimentos de biodiversidade, monitoramento e educação ambiental, visando fortalecer a gestão participativa.



Fig 12 – 9º Encontro do Projeto Jovens Protagonistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Rio Negro em 2016. Acervo FVA.

Em 2016 a Fundação Vitória Amazônica (FVA) contribuiu com uma oficina de educomunicação durante o 9º Encontro do Projeto Jovens Protagonistas da RDS do Rio Negro, realizado na comunidade de São Tomé, no Lago da Acajatuba, Iranduba (AM).

A oficina ministrada pelos técnicos do Programa Gente para Conservação da FVA, Débora Menezes e Tarcísio Madalena, reuniu cerca de 40 jovens comunitários que conversaram sobre comunicação e seus desafios, e ainda produziram peças como programas de rádio, fotonovelas e jornal-mural.

Educomunicação é o nome dado à um campo de estudos e de práticas que incentivam a análise crítica da mídia, bem como a produção coletiva de comunicação por diversos grupos sociais. Nessa abordagem realizada com os jovens comunitários da RDS, pensar sobre, e praticar comunicação, fortalece o protagonismo social, além de incentivar as habilidades de leitura e escrita. Para a gestão participativa de Unidades de Conservação, experiências educacionais também são positivas para fazer circular o conhecimento sobre o universo relacionado a temas como biodiversidade, áreas protegidas e cidadania.

Seis jovens são agentes ambientais voluntários, oito são monitores dos protocolos mínimos da biodiversidade e quatro são guias credenciados pelo SEBRAE em "bird watching" (observação de pássaros). O PAS também estimulou uma visão diferente sobre o lixo nas comunidades. Duas delas já fazem localmente a compostagem do lixo. O Gestor é muitas vezes convidado para dar palestras e hoje já envia os jovens para fazer isso. Também já são demandados para moderar e secretariar reuniões e demonstram ter capacidades para isso.

Projetos e iniciativas da Fundação Amazonas Sustentável (FAS)

INCENTURITA (Projeto de incentivo à leitura e a escrita)



Fig 13 – Projeto de Incentivo e leitura da Fundação Amazonas Sustentável em 2018.
Acervo FAS.

O Projeto de Incentivo à Leitura e Escrita (INCETURITA) da FAS tem como objetivo promover a leitura, o domínio da oratória e da escrita para crianças e adolescentes de escolas ribeirinhas de quatro Unidades de Conservação (UC) no Amazonas. As atividades são desenvolvidas na comunidade Punã, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Mamirauá, no município de Uarini; Agnelo Bittencourt, na comunidade Tumbeira, na RDS Rio Negro, em Iranduba; e Assy Manana, na comunidade Três Unidos, dentro da Área de Proteção Ambiental Rio Negro, em Manaus.

O ano de 2017 o projeto alcançou a marca de 192 alunos participantes, do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e do 1º ao 3º do nível médio. A iniciativa realiza atividades como oficinas sobre subgêneros literários, desde o conto, até a ficção e elementos tradicionais de narrativa; distribuição de livros; rodas de diálogo sobre as relações entre tradição oral e a literatura; oficinas de improviso e narração; interpretação de texto; oficinas de produção textual, além de leituras compartilhadas de textos de escritores amazonenses.

Em 2018 o projeto passou por uma mudança de coordenador e também foi reformulado com a intenção de se aproximar e contar, a partir desses jovens e crianças, a realidade vivida por eles. Foi dessa maneira que pequenos projetos dentro do INCENTURITA se tornaram realidade, como: o Atlas 'Fala, Beiradão' que é um livro com palavras e expressões muito faladas nessas comunidades, que foram levantadas, organizadas e ilustradas para se tornar uma obra.

Outro projeto chamado Banco de Histórias de Vida, aonde textos literários foram produzidos pelos jovens ribeirinhos durante as visitas do projeto com escritores amazonenses, como: Jan Santos, Beatriz Mascarenhas, Thiago de Melo e Vera do Val. Os textos contam fatos reais e causos da vida nas comunidades ribeirinhas a partir da ótica desses jovens.

Uma peça foi coproduzida entre os jovens da comunidade Tumbeira, na RDS do Rio Negro, em Iranduba, aonde criaram e encenaram uma peça teatral inspirada no livro "A Batalha da Cachoeira do Cipó", de Vera do Val, utilizando exemplares doados pela própria autora.

Além do desenvolvimento da escrita, do incentivo à leitura, e realização de outros projetos que retratam suas vidas o INCENTURITA também conta com uma apresentação no Festival Juventudes que acontece ao final do ano - encerrando as atividades anuais do projeto - na comunidade de Tumbeira e é nesse momento que pais e outros convidados podem reconhecer os jovens talentos da comunidade. O projeto INCENTURITA segue dando continuidade a esses pequenos projetos no ano de 2019.

Intercâmbio de Saberes



Fig 14 – Intercâmbio de Saberes 2017 em visita ao Impact Hub Manaus. Acervo da pesquisadora.

Uma iniciativa voltada ao fortalecimento do protagonismo juvenil, o Intercâmbio de Saberes busca promover a mobilização e o empoderamento dos jovens moradores de unidades de conservação, relacionada aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Organização das Nações Unidas (ONU).

O Intercâmbio de Saberes é realizado em parceria com a Secretaria de Estado da Educação (Seduz) desde 2012. A atividade mobiliza estudantes da Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Negro, e das RDS do Rio Negro, Puranga Conquista, Juma, Mamirauá e Uatumã para uma troca de experiências sobre os desafios para a sustentabilidade em cada comunidade.

Em cada unidade de conservação aonde há um núcleo da FAS acontece rodadas de oficinas com temas como ativismo social, ODS e elaboração de projetos para transformação e de forma democrática são escolhidos cinco jovens para representar sua comunidade e sua UC durante o Intercâmbio de Saberes em Manaus.

Em 2017, o evento teve como foco a “Amazônia que queremos em 2030”, envolvendo 34 estudantes e cerca de 10 professores de cada núcleo, que participam ativamente de todas as atividades e ajudam as jovens lideranças a transpassar o que foi aprendido durante os dias de evento. Durante o cronograma do Intercâmbio de saberes os jovens podem conhecer o contraste de diferentes realidades da cidade, como visitas a locais e projetos sociais u de impacto socioambiental em Manaus, como o Igarapé do Gigante, onde é realizado o Programa de Revitalização Urbana Sustentável da Amazônia (Reusa), além de participar de palestras de ativismo, empreendedorismo e terceiro setor.

4. O QUE SE PODE FAZER?

4.1. COMO RELACIONAR O TURISMO COM A PROPOSTA CURRICULAR DA ESCOLA?

Visto que a verdadeira aprendizagem se dá quando o aluno (re)constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade, pode-se dizer que as viagens são uma das formas utilizadas para que os discentes tenham um aprendizado significativo, relacionando os conhecimentos com a realidade e não decorando conceitos.

Ratifica-se que a educação não formal em hipótese alguma substitui ou compete com a educação formal, com a educação escolar. Porém a mesma poderá ajudar na complementação dessa última, via programações específicas, articulando a escola e a comunidade de tal forma:



Fig.15: Diagrama de Venn a respeito da relação Educação e Turismo na Escola Thomas Eugene LoveJoy. Acervo próprio. 2018.

A pesquisadora acredita que uma possível proposta pedagógica para a escola, locus da pesquisa, possa ser a co-criação e o planejamento participativo entre o corpo docente, a Fundação Amazonas Sustentável (FAS) - como gestora do núcleo de unidade de conservação aonde se encontra a escola - , também a Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC) – responsável pela gestão da escola e também pela ferramenta de Ensino por Mediação Tecnológica em alguns dos municípios do Amazonas - e o Departamento de Mudanças Climáticas e Unidades de Conservação da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (DEMUC/SEMA), de forma que a partir da Matriz Curricular da escola, das segmentações turísticas relacionadas a educação - que podem servir como propostas pedagógicas – e a realidade da comunidade é possível elaborar um plano de aula letivo para os discentes do ensino médio com uma proposta de promover uma educação que forme jovens mais conscientes sobre sua cidadania.

Além dos atores citados, a pesquisadora acredita que a também participação do corpo discente na elaboração desse plano pode torná-lo ainda mais rico e próximo do que seria uma proposta ideal para a formação de jovens mais conscientes. Isso porque, segundo a pesquisa bibliográfica e as entrevistas semiestruturadas aplicadas durante esta pesquisa, apontam um grande número de atividades diferentes sendo realizadas ao mesmo tempo, muitas vezes com propostas e investimentos semelhantes, no entanto realizada por diferentes atores na Escola Thomas Eugene LoveJoy. O que faz pensar na efetividade que os projetos e iniciativas possuem sob a formação desses discentes.

A partir do diagrama apresentado no início da discussão desse capítulo se exemplifica uma maneira para a construção de uma possível nova proposta para o plano de aula letivo. Um outro fator que contribui é o aproveitamento dos projetos e iniciativas que já existem e que permanecem funcionando na escola, locus da pesquisa, para unificá-los, simplificá-los e dividir suas responsabilidades.

Indo além é possível relacionar as áreas de discussão a respeito do Turismo diretamente com os componentes curriculares da matriz curricular da escola. A pesquisadora exemplifica na imagem abaixo e também relaciona como alguns dos projetos e iniciativas que exploramos na pesquisa para a elaboração dessa cartilha. Veja a seguir:



Fig.16:Relação entre as áreas de discussão do turismo com a matriz curricular da Escola Thomas Eugene LoveJoy e seus projetos e iniciativas . Acervo próprio. 2018.

Outra proposta sugerida pela pesquisadora, seria que se equilibrassem os esforços para a educação do discente na Escola Estadual Thomas Eugene LoveJoy para com a educação do docente também. Isso porque, dentre todas as alternativas de projetos e iniciativas levantados durante a pesquisa, percebeu-se que apenas um dos projetos envolve o professor de fato, de forma que ele aprenda e também divida o seus conhecimentos com outros jovens e professores. O projeto é o Intercâmbio de Saberes e apesar de ter sido pensado para os discentes, um professor é responsável por acompanhar e se responsabilizar pelos jovens e isso permite que ele conheça novos assuntos, participe das discussões, realize as visitas, faça *networking* e se atualize sobre novas metodologias de facilitação de aprendizado e discussões, papel que o professor realiza há muito tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito da proposta dessa cartilha, foi desde o início apontar o turismo como uma importante ferramenta para a educação cidadã. Uma educação mais completa e global, que está mais aberta para colaborações e possui mais empatia pelos espaços e iniciativas pequenas, as vezes desconhecidos, mas que colaboram para um processo de aprendizagem rico e plural.

É importante apontar que apesar da construção dessa cartilha ter se iniciado abordando contextos externos para o interno - neste caso, do mundo para a comunidade – que a pesquisadora tentou romper com essa linha de raciocínio e começa a sua investigação conhecendo primeiro o que já era realizado pela comunidade, principalmente pelo corpo de discentes e docentes da escola usada como estudo de caso e depois explorar os limites desse diálogo da educação em turismo, como na produção de conhecimento no próprio curso, ou ainda as primeiras histórias entre educação, viagens e turismo e até mesmo buscando por novas metodologias de ensino que vem surgindo e sendo aplicadas no século XXI com propostas inovadoras para o aprender.

Cabe agora a pesquisadora e outros interessados nessa discussão darem novos passos rumo a essa temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 77, p. 53-61, maio, 1991.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília, Ministério do Turismo, 2006.

Calendário escolar 2018. Disponível em: <<http://www.educacao.am.gov.br/wp-content/2018/uploads/03/calendario-escolar-A4.pdf>>. Acesso em: 05 de jul. 2018.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1995.

COOPER, Chris. Turismo: Princípios e Prática. Tradução Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.

CUNHA, M. C. S. et al. Turismo Educacional: que viagem é essa? Trabalho acadêmico curso de Turismo, Centro Universitário Ibero-Americano, São Paulo/SP, 2002.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Métodos e Técnicas de pesquisa em Turismo. São Paulo: Futura, 1998.

JESUS, Edilza. Laray. de; COSTA, L. G.; PINTO, M. E. F. . Elaboração de proposta de educação do campo em áreas protegidas no Amazonas: Relato de Experiência. IN: III Congresso Nacional de Educação, 2016. Natal. Anais III CONEDU 2016. PARAÍBA: Editora da UFPB, 2016. v.3.

FAS. Repórteres da floresta. Disponível em: <<http://fas-amazonas.org/2016/08/reporteres-da-floresta-pro-especies-incentiva-jovens-a-identificar-fauna-e-flora-ameacadas-no-rio-negro/>>. Acesso em 20 jul. 2018.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e a Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. s/n e: São Paulo: Loyola, 1979.

FONSECA FILHO, A. da S. EDUCAÇÃO e TURISMO – Reflexões para a elaboração para de uma Educação Turística. In: Revista Brasileira de Turismo, Brasil, v.1, n.1, p. 5 – 33, 2007.

REFERÊNCIAS

- Instituto socioambiental. RDS do Rio Negro. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/uc/5522>>. Acesso em: 22 de out. 2017
- Lima, Francielle . **Incursões reflexivas sobre o conceito de turismo e a qualificação “pedagógico” no binômio “turismo pedagógico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2014.
- Manhães, Bruno. **Questão de educação: como o Turismo ensina?**. Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica. Vol. VI, nº 1, Rio de Janeiro, MAR. 2011.
- MICHEL, Maria Helena: Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- OLIVEIRA, RAYANE. **Turismo Pedagógico: aprendizagem significativa na educação não formal em escola/ONG, Manaus/AM**. Trabalho de conclusão de curso. 2014.
- Q-EDU. EE Thomas Eugene Lovejoy. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/escola/7427-ee-thomas-eugene-lovejoy/sobre>>. Acesso em: 16 de mar. 2018.
- ROLAND, Fernando Jorge. **Viajeros ilustrados**. El Gran Tour, el Siglo XVIII y el mundo catalogado. Disponível em: <www.edhistorica.com/pdfs/VIAJEROS_Ilustrados_y_Romanticos_siglo_XVIII_XIX_.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2008.
- SEDUC. **Centro de mídias de educação do Amazonas**. Disponível em: <<http://www.educacao.am.gov.br/centro-de-midias-de-educacao-do-amazonas/>>. Acesso em: 08 de fev. 2018
- THOMÁZ, Ricardo. **Turismo religioso o peregrinación. Hospitalidad por los caminos de Santiago de Compostela** — España. Disponível em: <www.unoeste.br/site/cursos/32/documentos/TURISMORELIGIOSOOPEREGRINACION.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2008.

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES DE PROJETOS E INICIATIVAS DA ESCOLA THOMAS EUGENE LOVEJOY (DISCENTES/DOCENTES)

DADOS PESSOAIS	
Nome: _____	
Telefone: () _____	
Entrevistado: () Discente. () Docente	
PROJETOS/INICIATIVAS	
Qual a natureza de seu projeto/iniciativa?	
Tempo de duração (Meses): _____	
Como se deu a participação:	
Corpo discente	Corpo docente
Quais metodologias de ensino foram utilizadas?	
Qual a relação entre a matriz curricular da escola com o turismo em si?	
Qual a relação com os saberes e fazeres tradicionais da comunidade?	

